

# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO V

Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1918

Nº 57

Grupo mantenedor: B. Klinger, Souza Reis, Pompeu Cavalcanti, (redactores); Maciel da Costa, Lima e Silva, Parga Rodrigues, Leitão de Carvalho, Euclides Figueiredo, J. Franco Ferreira, Newton Cavalcanti, Amaro Villa Nova, J. Ramalho, Pantaleão Pessoa.

□ □ □

## SUMMARIO

### PARTE EDITORIAL

A responsabilidade permanente do estado maior no ensino militar. A dsutrina do ensino. A educação nacional e a defesa nacional. O edificio escolar e sua apparelhagem. — Normas especiaes para a execucao do ensino na Escola Militar.

### PARTE JOURNALISTICA

Instrucao pratica da Companhia de Infantaria.....  
Pelo nucleo de recrutas.....  
Regulamento de Exercicios para Infantaria (De uma conferencia).  
A centralite (corrigenda).....  
Tiro (notas).....  
Cuidados com a saude.....  
A crise dos quadros.....  
A segunda parte do R. E. I. ....  
Indicações para a critica em exercícios de artilharia.....  
Reconhecimentos.....  
R. E. A. C. (observações).....

Coronel F. E. Julien.  
Tte José Faustino Filho

Capitão A. Alencastre  
1º Tte Pericles Ferraz  
Tte Barbosa Monteiro  
1º Tte Maciel da Costa  
1º Tte Correia Lima  
Tte Mario Travassos

Traducção  
»  
1º Tte M. de Moraes

### NOTICIARIO

Projecto de regulamento p<sup>a</sup> os serviços do exercito em campanha  
— Notas sobre a industria do aço.  
— Publicações recebidas — Expediente. —  
Annuncio da Bibliotheca da "A Defeza Nacional"

# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, SOUZA REIS e POMPEU CAVALCANTI

N.º 57

Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1918

Anno V

## PARTE EDITORIAL

A responsabilidade permanente do estado maior no ensino militar—A doutrina do ensino — A educação nacional e a defesa nacional — O edificio escolar e sua apparelhagem.

**A** primeira epigraphe acima, que já empregámos no numero anterior ao commentarmos o novo R. da E. M. precisa de ser encarada como aquillo que incontestavelmente ella é: como uma synthese e como um sello de correio.

Synthese, porque na verdade ella encerra o *anima vitae* do regulamento em questão, cujos autores, muito sabiamente puzeram-lhe toda a fonte da vida nas atribuições do Estado-Maior, *ex vi* do art. 160. Nisto está um dos traços mais excellentes do R., pelo qual — primeira vez entre nós e em promissora iniciativa — o Ministerio da Guerra espontaneamente traçou com acertado desprendimento e evícente clareza a imprescindivel separação de funcções e nítida divisão de trabalhos — e de responsabilidades — entre elle mesmo e o Estado Maior.

Vem a propósito um parenthesis suggerido por esse detalhe: terá enfim, com a evidencia daquelle acerto, o necessário surto e corporificação a noção singela de que **se não temos Estado Maior é por culpa do Ministerio da Guerra**, se elle, em vez de obrigar-o a trabalhar no que deve,

prefere absorvel-o, annullal-o e ignoral-o — tão certo é que o funcionamento do orgão o desenvolve, como a sua inacção funcional o atrophia e mata.

Fechemos o parenthesis opportuno e essencial.

A responsabilidade permanente do Estado Maior no ensino militar, mero aspecto integrante que é da sua responsabilidade no preparo militar de toda a nação, deve ser encarada como um sello de correio na accepção que pittorescamente, sem prejuizo da profunda philosophia da comparação, esplanamos no editorial do n.º 2 da nossa revista (Novembro de 1913). Transcrevemos esta passagem da carta a que alli se allude, de um camponio americano a seu filho:

*«Meu filho, em todas as emprezas da tua vida, trata de ser como um sello do correio, que se gruda a uma cousa e não a abandona mais enquanto não a conduz ao seu destino definitivo.»*

Não será isso o que o Estado Maior tem que fazer com relação a todos os seus altos objectivos no campo do ensino militar, mórmente agora que o R. da E. M. longe de coartar-lhe a acção, expressamente a ella o incita?

\*

\* \*

No esboço perspectivo dos objectivos do Estado Maior no campo do ensino militar, apresentado no numero anterior, figuramos em primeiro lugar, aliás sem idéia de pre-

cedencia sobre os outros pontos que o definem, o estabelecimento de «normaes geraes e para cada uma das especialidades, a observar na execucao dos programmas de ensino da escola militar e da tropa; estudo permanente da educação militar do paiz.»

Pelo exemplo de normas geraes que fizemos seguir ao editorial do numero anterior e pelo das normaes especiaes que agora seguem a este, aliás perfeitamente accordes com o que delinéa o R. da E. M. nas *n* alineas do seu art.º 9.º, fica explicado melhor do que por outra qualquer forma, o que se deve entender por semelhantes normas. Ellas constituem o que em dizer conciso e preciso se pôde chamar «a doutrina do ensino». «Os regulamentos dos institutos militares de ensino tem-se sucedido a miúdo, de cada vez tem sido alterados sempre com o proposito declarado, a bôa intenção, de tornar o ensino mais efficiente e sempre fica tudo approximadamente no mesmo. O essencial, o que ainda não se reconheceu como mais importando estabelecer, é uma unidade de vistas a respeito da execucao desses regulamentos, desses programmas, é uma **doutrina sobre o ensino.**»

Pasma pela simplicidade e evidencia essa verdade, admira, escandalisa, envergonha que tanto preciosissimo tempo se tivesse perdido em não havermos entrado desde muito nesse caminho largo, verdadeira estrada real, unica em condições de nos levar sem tantas apalpadellas desnorteadas, expressas em reformas e remodelações, ao magno objectivo: o alevantamento do ensino profissional dos recrutas do officialato.

Magno objectivo porque n'elle se encerra de envolta com a cultura dos officiaes — o espirito dos quadros, o preparo da tropa e a iniciação que é proporcionada aos instruendos militares das diversas fontes subsidiarias da preparação militar do paiz; bem como cada vez mais o espirito militar de toda a nação e a sua

intelligenzia a respeito da defeza nacional.

E', assim, necessidade de primeira ordem para a desejada melhora no ensino militar o estabelecimento da respectiva doutrina de execucao. Em quanto ella não fôr attendida não haverá regulamento salvador, tudo será baldado intento, talvez agitação esteril.

\*  
\* \*

O estudo permanente da educação militar do paiz é o trabalho fundamental para o estudo dos programmas de ensino no exercito. E' clarissimo.

Se as exigencias do progresso nacional outras que as da defesa militar têm imposto a diminuição da duração do serviço nas fileiras, o que também está no interesse dessa mesma defesa como meio de preparar com o mesmo effectivo no mesmo tempo reserva mais numerosa, e se, por outro lado «as exigencias da guerra moderna tem augmentado em todas as direcções, é preciso que os recrutas entrem para o serviço» — tanto os da caserna como os das outras fontes de reservistas — o mais possivel «bem preparados, physica e intellectualmente, e com as necessarias noções de patriotismo que os tornem dignos de vestirem farda.» <sup>(1)</sup>

O caracteristico desse crescimento das exigencias da guerra moderna postas aos individuos é o da reclamada autonomia de cada combatente; a guerra exige realmente de cada um grande dose de «julgamento <sup>(2)</sup> e de independencia, de calma, reflexão e de intrepida energia. Com o modo de combater em ordem dispersa o infante fica muito entregue a si mesmo desde que o superior lhe tenha marcaõ a missão a cumprir. Muitas vezes mesmo o simples soldado terá que assumir a direcção de sua esquadra; o artilheiro terá que acumular funcções de varios serventes e até de chefe de peça quando este e os seus outros camaradas graduados tenham cahi-

<sup>(1)</sup> Palavras de von Bernhardi no cap. XIII do «A Alemanha e a proxima guerra».

<sup>(2)</sup> Idem.

do; o cavallariano em patrulha ou em serviço de estafeta muitas vezes se achará entregue a si mesmo em pleno paiz inimigo e o sapador-mineiro que avança ou-sadamente ao encontro da mina inimiga vêr-se-á não raro, subitamente, em face do adversario sem ter que lhe valham nada mais que os seus conhecimentos praticos e a sua energia.»

Se é incontestavel que a utilidade efectiva do tributo militar imposto aos cidadãos, isto é, a efficiencia conseguida para a tropa e para as reservas depende do nível intellectual e moral dos instructores, — os officiaes, os sargentos e graduados — d'onde a importancia radical do preparamento destas classes — tambem é fóra de duvida que será muito limitado, desanimador mesmo, o exito, o rendimento de seus esforços profissionaes sobre individuos sem nenhum praparo. Em outras palavras, a receptividade da massa dos cidadãos para a instrucção militar eficiente em tempo curto cresce em proporção rapida com a sua prévia educação physica, intellectual e moral.

Essa **educação do povo** é pois um dos interesses vitaes de uma nacionalidade, portanto, **dever primordial de seu Governo.**

E qual é o agente do Governo em cujas attribuições caiba estudar e encaminhar essa educação, senão o Estado Maior? Importa, pois, substituir ao actual desconhecimento mutuo entre este orgão e o Ministerio da Instrucção Publica, a imprescindivel harmonia, sem prejuizo de sua necessaria independencia.

\*  
\* \*

Ao lado dessas exigencias quanto á autonomia individual, que é questão de meticulosa educação, não esqueçamos as maiores fadigas corporaes. <sup>(3)</sup> Para resistir-lhes importa ao Estado dispensar a maior attenção á saúde physica da populaçao nacional, não esque-

cendo, porém, que «ella só terá um valor duravel se fôr conservada pelo trabalho e marchar de par com o desenvolvimento intellectual.»

«Não devemos nos contentar em levantar a condição social e o conjunto das condições de vida do povo, assim preparando para a defeza nacional jovens physicamente sâos: precisamos nos esforçar por desenvolver e aperfeiçoar a educação intellectual do povo.

O meio que temos é a escola. Trabalhar na escola pela educação militar futura e dar aos futuros defensores da patria uma melhor preparação, é o unico meio de tornar possivel que a instrucção militar especial realise satisfactoriamente os seus objectivos especiaes, não obstante a dificuldade crescente das condições.»

#### A nos a instrucção primaria não corresponde a essas exigencias.

Em nossa escola primaria «tudo se basêa na instrucção collectiva ao passo que na caserna o ideal é o ensino a cada um em particular; assim a instrucção militar é ministrada por pequenos grupos em que o sargento ou official se preocupa constantemente com cada alumno individualmente. <sup>(4)</sup>

Assim a escola primaria, como está, não pôde servir de preparatoria á educação militar. A mesma diferença se revela no espirito geral do ensino: a educação militar visa formar individualidades moraes capazes de pensar e de agir com independencia e ao mesmo tempo despertar nos soldados o sentimento patriotico; ao lado da instrucção profissional figuram no primeiro plano do programma a educação moral e a historia patria. Em tudo se afirma o desejo de ensinar a cada um a pensar livremente e a exprimir claramente seu pensamento.

A escola primaria relega estas preocupações para o ultimo plano; não intencionalmente, sem duvida, nem litteralmen-

<sup>(3)</sup> Op. cit.

<sup>(4)</sup> Op. cit.

te, mas de facto, por culpa das circumstanças.»

E' um mal que pede urgente remedio.

Não somos dos que pensam que seja imprescindivel começar por elle, como basico que incontestavelmente é; portanto que se deva não fazer nada no sentido da educação militar do paiz enquanto não se applicar esse remedio. <sup>(5)</sup> Parece-nos intuitivo que, ao contrario, apesar da ausencia dessa base, devemos cuidar de intensificar cada vez mais todos os outros meios de educação militar, porque assim se tornará sempre mais evidente que sem a indicada orientação da escola primaria os outros esforços não darão o seu justo rendimento.

**Cuide-se pois da educação militar do paiz desde a escola primaria.** Tenha-se em vista o pensamento de Frederico, o Grande, que declarava como um **dever do Estado** "encaminhar a geração nova a pensar livremente, e incutir-lhe um patriotismo sem limites."

\* \* \*

O argumento sedicio de que a nossa Constituição Politica attribuiu aos estados da federação o problema do ensino primario precisa ser examinado com sinceridade. Em todo caso, admittindo que elle se funde positivamente na letra e no espirito da Constituição o patriotismo dos nossos poderes federaes e o dos governos estadaes saberá não fazer desse obice, de pura formalidade, pretexto para a perpetuação do estado das coisas em materia de ensino primario ou para persistir a descomexão dos esforços que vão adiantando estados mais progressistas. O que é evidente é que o problema precisa ser resolvido e que, seja como fôr, — ou nós não somos uma nação — o governo federal precisa exercer a sua acção unificadora na solução a seguir.

\* \* \*

<sup>(5)</sup> Ver «A Defeza Nacional» anno I, n.º 10, pag. 314.

Os pontos 2.º, 3.º e 4.º da nossa enumeração do editorial «56» — edição de guias e graphicos, influir na organização dos programmas particulares de modo que respeitem as normas estabelecidas e organizar as instruções para a inspecção do ensino — acham-se todos intimamente ligados ao 1.º. O mesmo se diz do 8.º — colher os dados de observação na execução do regulamento, relativos a modificações neste necessarias, que lhe não alterem as linhas geraes. Planejando e executando o ataque ao 1.º ponto intercorre o desses outros, que todos formam systema. Isso se reconhece á primeira vista, prohíbe discussão.

\* \* \*

O outro ponto essencial dos objectivos do Estado Maior no campo do ensino militar é o de «promover a construcção de um **edificio escolar** que resulte originalmente do regulamento.»

«Este problema envolve, como basico, o da escolha de local para a escola militar» e tambem entende com a apparelhagem de ensino (pontos 6.º e 7.º).

«Sómente edificios rationalmente construidos e apparelhados poderão exercer a indispensavel e benefica reacção orientadora sobre professores, instructores e alumnos, arredando todo e qualquer pretexto ou desculpa de insuccessos do ensino.»

Os professores e instructores só poderão assumir a alta responsabilidade do preparo dos officiaes para o Exercito e os alumnos por seu lado só se saturarão da convicção de que as suas energias individuaes são utilmente empregadas e da confiança de que se afirmará a sua individualidade profissional ao enfrentarem a vida pratica — se reconhecerem no conjunto da escola e separadamente em tudo quanto a constitue um plano de conjunto, perfeitamente systematisado: no edificio, na sua apparelhagem e na execução do programma de ensino .

Ora, esta execução, isto é, a acção dos

professores e instructores depende inseparavelmente das duas outras condições, o edificio e sua apparelhagem.

Como exemplo de solução perfeita impõe-se ao estudo a escola militar de Munich. O grupamento dos edificios que a constituem teve por base um programma em que se condensou toda a experien- cia da technica militar, da pedagogia e da arte de construir, de modo que resultou um organismo architechtonico perfeito, sob o ponto de vista do seu destino. E esse programma de construcção começou justamente pelo problema da localisação, cuja escolha foi feita buscando as condições préviamente estabelecidas.

Segundo identicos principios projectaram e construiram os E. U. da America do Norte os monumentaes edificios de sua escola militar de West-Point; e a Republica Argentina dentro em pouco terá resolvido o mesmo problema com a realisação do projecto de edificio para sua escola militar, orçada em quatro milhões de pesos. (6)

E o Brasil não poderá pensar na resolução prompta e completa desse problema de tamanho alcance?

(6) «A Argentina Militar e Naval», Genserico de Vasconcellos, pag. 219.

## Normas especiaes para a execução do ensino na Escola Militar

107. O ensino scientifico-militar comprehende a tactica, o armamento, a fortificação e as comunicações, a topographia com o respectivo desenho e levantamento, a organisação militar e serviço de escripta militar.

108. Na aula de *tactica* deve ser ensinado: a applicação das formações tacticas, o combate das diferentes armas bem como a cooperação dellas em combate, e o serviço em campanha. Em apoio ás lições e como illustração dellas deve-se recorrer, com medida, á historia militar.

Os detalhes dos regulamentos só devem ser tratados nos limites marcados pelo «Guia». E' preciso empregar todos os esforços para animar a phantasia do alumno sobre a guerra. Tanto quanto isto se possa conseguir por pequenas conferencias dos alumnos, constantes exercícios no terreno, jogo da guerra, exemplos historicos e themes na carta, todos esses meios devem ser

postos em contribuição. Valor muito especial tem ahi a solução de themes no terreno.

Taes themes devem ser simples e conformes á guerra, e aptos a estimular a capacidade de resolução, a iniciativa e o espirito offensivo. Tanto poderão enquadrar-se na guerra de destacamento como na grande guerra, neste caso apenas esboçando o vasto scenario em poucos traços. As resoluções devem limitar-se ás de cdtes. de pequenas unidades, para que possam devidamente considerar os detalhes do commando que importam ao official subalterno.

109. Na aula de *armamento* o objectivo principal é esclarecer os alumnos sobre a efficacia das diferentes especies de armas de fogo, conhecimento indispensavel para o commando de tropas no combate. Desse ponto de vista devem ser examinados os dispositivos fundamentaes da efficacia do armamento e da munição bem como o poder balistico das armas do exercito nacional, evitando ahi o aspecto unicamente technico. O essencial deve ser tão consolidado no saber dos alumnos que fique assegurado o indispensavel senso pratico para o serviço na tropa e para o aperfeiçoamento futuro pelo esforço pessoal. E' preciso traçar com nitidez o estado actual da questão e lançar um jacto de luz sobre o caminho que seguirá o desenvolvimento futuro. Tem importancia indicar a forma e a efficacia das armas de exercitos estrangeiros importantes, especialmente de paizes vizinhos. As regras do emprego das armas na guerra de campanha e na de posição serão esplanadas pelo frequente desenvolvimento de exemplos praticos sobre themes na carta e no terreno.

A parte intuitiva ou concreta do ensino deve ser cultivada pelo uso das colecções de armas e modelos, a visita de estabelecimentos technicos, a assistencia a exercícios de tiro real de infantaria e de artilharia bem como pela realisação de tiros de demonstração.

110. O ensino da fortificação comprehende a de campanha, a permanente e a guerra de fortaleza; além d'issso uma noção geral sobre as comunicações militares.

As aulas de exposição succinta dos principios da fortificação, bem como da actividade da tropa de engenharia e de comunicações devem ser seguidas pelo ensino concreto mediante exemplos simples sobre a carta e themes no terreno, tambem em face de modelos, visita a obras de comunicações e campos de instrucção respectiva, participação em exercícios da tropa de engenharia e de comunicações, construcção efectiva de obras de fortificação e emprego da «caixa de terra».

A fortificação de campanha deve ser tratada minuciosamente. A memoria não deve ser sobrecarregada, mas hão de ser ensinados os motivos que conduziram á adopção das fórmas actuais.

111. O ensino da topographia tratará da morfologia do terreno (planimetria e altimetria) da significação militar das diversas fórmas para marcha e estacionamento, observação, approximação e combate, e dos serviços correspondentes de reconhecimento, julgamento e participação; ella também inicia o alumno na representação graphica do terreno, ensina o emprego das cartas, o desenho de esboços e de croquis. As suas aulas devem pois ser conduzidas de tal modo que o professor de tactica já encontre nos

alumnos, ao ensinar a tactica applicada, o necessario entendimento.

E' por isso imprescindivel que esses dois professores estejam permanentemente em contacto.

Como scencia auxiliar indispensavel da tactica o ensino da topographia deve basear-se em situacões tacticas definidas em poucos traços, evitando porém digressões pelo dominio dos detalhes propriamente do emprego das tropas. Ligado á topographia faz-se o ensino do desenho respectivo e dos levantamentos; o ensino do desenho topographico tem por fim a apropriação da technica da representação exacta, clara e synoptica, o dos levantamentos visa iniciar os alumnos no emprego da alidade ou de pranchetas de campo. Far-se-ão tambem exercícios de leitura de cartas estrangeiras.

112. O ensino sobre a *organisação militar* do paiz serve para iniciar o alumno no dominio das idéias profissionaes do futuro official, de sua posição, obrigações de seu estado e orientação sobre o serviço.

Desse ponto de vista deve ser estudada a organisação em sua correlação com a nação e o povo, devem ser esclarecidos os regulamentos sobre recrutamento, repressão disciplinar, queixas e direito militar em sua significação e effeitos, familiarisando especialmente o alumno, por meio de exemplos, com os detalhes mais importantes para o serviço pratico.

As instituições vigentes nesse dominio devem ser explicadas segundo o seu desenvolvimento histórico; o processo da mobilisação deve ser apenas resumidamente exposto mas em ligação a essa explicação deve ter lugar um ensino minucioso sobre transportes de guerra e na paz.

Especial attenção merecerão as obrigações regulamentares dos orgãos directores do exercito. Por fim, uma noção succinta sobre a organisação da marinha nacional.

O ensino dos serviços de *escripta militar* tem por fim habilitar os alumnos na confecção das participações, officios, relatorios, protocollos, listas e papeis de contabilidade que se apresentam no serviço interno de uma companhia, bateria ou esquadrão, ou que possam ser exigidos do official num commando isolado.

Dada a simplicidade das regras a ensinar não é necessário fazer preleccão, o principal é a applicação a casos dados. Assim marcharão *pari passu* a ensinanza e a applicação. A escolha dos trabalhos deve attender ao progresso das outras partes do curso.

O professor terá suas vistas voltadas principalmente para a concisão, precisão e exactidão da expressão, ao par da observancia dos modelos.

113. As *visitas de instrucção* a realizar para cada um dos annos da escola devem ser oportunamente intercaladas no respectivo curso e quanto possível attendendo em cada visita a diversos fins da instrucção (assumpto de diferentes aulas); si se dirigirem a pontos fóra da séde da escola devem ser organisadas segundo um plano de viagem redonda.

#### ANNEXO AO ART. 113

##### Visitas de instrucção

1) A escola militar realisa visitas de instrucção a campos de instrucção, campos de tiro de artilharia, fortalezas, arsenaes, fabricas militares, etc. Cumpre ao cdte. da escola escolher

a época e a successão das visitas de accordo com a marcha do curso, a oportunidade para o estabelecimento a visitar e para o objecto a apreciar, e mediante prévia combinação com os respectivos cdtes. de tropa ou chefes de estabelecimento.

2) Todos os alumnos não doentes tomam parte nas visitas. A turma é acompanhada pelo cdte. da escola, os professores e adjuntos interessados no assumpto e respectivos instructores (ou auxiliares).

Assim, por exemplo, além dos respectivos instructores ou auxiliares, acompanham as visitas de instrucção de

tiro, os professores de armamento e de tactica;

de fortificação, os dessa especialidade e de armamento;

de depositos de material bellico e arsenaes, os professores de armamento.

Em caso de duvida o inspector do ensino resolve quaes os docentes que devam acompanhar.

3) Os professores que ainda não conhecem alguns dos estabelecimentos a visitar com os alumnos, devem fazer-lhe uma visita prévia, de preferencia de vespere á da turma.

#### Ensino de linguas, telegraphia, desenho de fortificações, serviços de tropa e hygiene

114. (\*) E' obrigatorio o ensino das linguas francesa e hespanhola, facultativo o de inglez e allemão, isto é, todos os alumnos estudam frances e hespanhol, e estudam á sua escolha inglez ou allemão.

O ensino do frances e do hespanhol observará uma orientação principalmente pratica-militar, e desenvolverá a aptidão para o manejo escripto e verbal dessas linguas.

O ensino do inglez e do allemão cifra-se ao fundamental, apenas devendo habilitar o alumno a aperfeiçoar-se como official pelo esforço proprio; limitar-se-á pois a ler e escrever e á versão e tradução de phrases simples.

O gosto pela aprendisagem de linguas deve ser estimulado no interesse do exercito, pois este precisa de officiaes conhecedores de linguas estrangeiras.

115. Os alumnos de cavallaria, artilharia e engenharia aprendem a telegraphar e a manejar o apparelho telegraphico de campanha e o telephone de campanha, leve e pesado; os alumnos de engenharia tambem recebem o ensino de desenho de fortificações.

116. A instrucção sobre o *serviço de tropa* comprehende o serviço do official subalterno inclusive a instrucção theorica a ministrar por elle aos soldados. O objecto principal deste ensino é habilitar o alumno a dar lições sobre assumptos da instrucção na tropa em linguagem ao alcance dos soldados.

Para os alumnos da cavallaria, artilharia e engenharia entra ahí o ensino theorico sobre a equitação corrente, segundo o respectivo regulamento, e sobre o forrageamento e mais serviços de cavallariça; os de cav. e art. fazem tambem um curso especial sobre tratamento do cavallo e ferragem, em época opportuna, ministrado por um official veterinario, segundo instrucção do

(\*) N. da R. — Traducção livre.

Estado Maior. Os outros alunos (inf. e eng.) recebem nas proprias aulas de equitação e do respectivo instructor os conhecimentos sobre os cuidados preventivos essenciaes do animal de tropa e sobre a ferragem, tanto quanto interessem ao official montado dessas armas.

Todos aprendem a ensilhar e enfrenar.

117. O ensino de *hygiene* tem por objecto esclarecer o alumno sobre a hygiene individual do soldado, sobre a influencia da *gymnastica* e da esgrima para o desenvolvimento phisico, sobre primeiros soccorros em accidentes, insolação, etc.

118. A instrucao pratica militar comprehende: formações, evoluções e movimentos individuais; tiro de armas portateis; avaliação de distancias e telemetria; serviço de peça de artilharia; equitação; *gymnastica*; esgrima; natação; signalisacão de bandeirolas; montar bicycleta.

119. No ensino das formações, evoluções e movimentos individuais far-se-á uma revisão meticulosa dos fundamentos que o alumno já trouxe ao ser matriculado e principalmente tratar-se-á de lhe desenvolver o conhecimento, a comprehensão e o senso para as diversas formações, segurança em presença de tropa e no commandalá, perspicacia para execução exacta e perfeita dos movimentos, e para as causas de erros e infrações, emfim capacidade de instruir e de corrigir; ao mesmo tempo essa instrucao servirá para secundar o ensino da aula de tactica. É essencial ter permanentemente em vista a correcta attitudé pessoal e compostura militar dos alumnos e influenciar-los nesse sentido.

120. A dotação de munições regulamentar para as praças é extensiva aos alumnos e applica-se na forma do R. T. I. (ou R. T. C.), fazendo cada alumno atirar com as diversas armas portateis.

Na escola tem lugar o proseguimento de sua instrucao de tiro na respectiva arma e classe de accordo com o ponto que tinha attingido ao ser matriculado. Especial cuidado merecerá o ensino do alumno a respeito dos serviços no stand.

Entra aqui tambem o ensino sobre o tratamento a dar ás armas o qual juntamente com a instrucao de tiro secundam o ensino da aula de armamento, da mesma forma que este, pelas noções que ministra sobre fundamentos scientificos e pelos tiros de demonstração adequados propulsiona o entendimento para o emprego pratico das armas. (109).

O mesmo objectivo e conjuntamente o ensinamento tactico pôdem visar os tiros de combate realizados pela escola, tanto quanto compativel com o tempo e a munição disponiveis. Pelo menos as turmas assistirão para esses fins, isto é, instrucao technica e tactica do tiro, a exercícios de tiro de combate em corpos de tropa (113).

Os alumnos hão de conhecer a fundo o emprego do telemetro, seu exame e rectificação.

121. Exercícios de *avaliações das distancias* em terreno qualquer, com carta e sem ella, para as mais diversas distancias e objectivos devem ser intercalados na instrucao de tiro e em todas as occasões que se apresentem nos diversos exercícios, por todos os instructores.

122. Logo que os alumnos de curso de artilharia estejam preparados como chefes de peça todos os alumnos recebem a instrucao da escola

do servente nas diversas especies de peça de artilharia, como meio de secundar o ensino da aula de armamento.

123. O ensino de equitação tem por objecto habilitar os alumnos das armas a pé a se utilizarem do cavallo prompto, com segurança em qualquer terreno.

O dos alumnos das armas montadas é mais desenvolvido e visa preparal-os para instructores de equitação corrente na tropa.

124. Na *gymnastica* os alumnos são trabalhados segundo o respectivo regulamento no sentido de adquirirem segurança na execução e como instructores.

Importa estimular ainda mais o gosto pela *gymnastica* e a confiança do alumno em sua força e dexteza por meio de exercícios especiaes.

125. A instrucao de esgrima deve adextrar todos os alumnos nos golpes e nas paradas com a espada; os das armas a pé recebem instrucao completa de esgrima de bayoneta, e os da cavallaria esgrima de lança.

126. O ensino sobre natação e os exercícios praticos respectivos devem merecer muita attenção.

### Notas sobre a industria do aço.

(Continuação)

Os pedaços de lingote destinados á fabricação de cintas de reforço são achatados no martinet ou na prensa hidráulica, dando-se o diâmetro conveniente. Broca-se, então, o centro e por meio de uma serie de machos tronco-conicos, successivamente introduzidos á força do martello vapor, dilata-se a abertura até alcançar as precisas dimensões. Esses aneis, forjados depois sobre mandris formam cintas com as dimensões requeridas.

Os tubos-almas são, como nos outros canhões, forjados massicos e em seguida torneados e brocados.

Os lingotes para fabrico das diversas partes de que se compõe o canhão, uma vez, convenientemente forjados no martello vapor ou na prensa hidráulica, conforme suas dimensões e a importancia das peças que se deseja fabricar, passam ás officinas de preparação e ajustamento. Nellas estão installados tornos enormes, fresas, brocadores, plainas, machinas de raiar e alisar, rodas de esmeril, etc.; mas apesar de todo esse apparelhamento, o trabalho de ajustamento feito á mão é tão grande que nas diversas secções das usinas Krupp o consumo de limas de mão excede a mil por dia, havendo no proprio establecimento uma installação adequada ao seu fabrico.

As officinas possuem poderosos guindastes volantes montados sobre pontes, que as podem percorrer em toda a extensão, facilitando extraordinariamente o transporte de peças pesadas.

Os tornos são as machinas mais communs nas officinas; contam-se por centenas, alcançando alguns mais de 30 metros de comprimento. Nos empregados para tornear os canhões é a ferramenta que se desloca, ficando o canhão convenientemente fixado sobre a bancada.

Os tornos de aplinar são constituídos por grandes discos circulares de movimento de rotação em torno do centro. Sobre esses discos se prendem fortemente as peças a aplinar; uma só quando grande, ou muitas se pequenas. As peças, devido ao movimento de rotação do disco, passam por baixo da ferramenta que as vai sucessivamente desbastando; outras vezes descrevendo circumferências de raios variáveis.

Na fabricação de canhões pelo sistema Krupp, todos os lingotes, já dissemos, são fundidos e forjados massicos, e posteriormente brocados. Nessa operação, porém, não se aproveita a parte central do lingote. O brocador do torno é tubular, tendo fixados nos bordos da parte avançada seis ferramentas cortantes que cavam no metal um sulco circular, separando do lingote um nucleo cylindrico massico que vai ficando dentro do brocador. A parte central assim retirada pode ser aproveitada no fabrico de artefactos de menores dimensões.

Uma dessas machinas pode brocar até 15 metros de profundidade, ou o dobro, isto é, 30 metros, bastando para isso virar cada peça e brocal-a por ambas as extremidades. Nas machinas deste tipo a broca conserva-se firme e o lingote é que tem o movimento de rotação; neste caso, quando as peças a brocar são de grande comprimento, para que não empenem pela ação do proprio peso, collocam-se sobre a bancada do torno, de distancia em distancia, supports diversos, de modo que, embora rodando em torno do eixo, a peça se conserva rija e perfeitamente centrada, descansando sobre os supports.

Os freses operam em campo ainda mais vasto, produzindo trabalho mais variado. A ferramenta desta machina tem a forma cylindrica com a superficie externa talhada em muitos dentes semelhantes aos de uma serra. Essa ferramenta é fixada á extremidade de um eixo a que a machina imprime movimento de rotação. Presa a uma plataforma que se move em determinado sentido, conforme o trabalho que tem de produzir, a peça a ser trabalhada, todas as vezes que passa por baixo dessa ferramenta, é por ella desbastada.

Com freses apropriados pode esta machina aplinar ou produzir superficies as mais variadas, assim como abrir sulcos ou rebaixar, brocar, fazendo o vasado cylindrico ou com outra forma, de acordo com a secção do corte da

ferramenta. Poderia tambem dilatar o vasado em qualquer sentido desde que se move a peça em conformidade com a forma que se quer obter. Esta machina tem particular applicação no preparo de superficies com formas as mais variadas e irregulares.

As plainas operam com movimentos rectilineos e alternados em vez de circulares como as machinas anteriores. Em algumas, as mais communs, é a peça a ser trabalhada que se desloca; em outras é a ferramenta que se move.

Para preparar as faces internas do encaixe da cunha na culatra emprega-se de preferencia esta machina. O canhão lhe é apresentado com o reforço da culatra toscamente vasado pela broca em sentido transversal ao eixo. Fixado em posição conveniente sobre o estrado da machina, a ferramenta operatriz que se acha presa á extremidade de uma haste começa a trabalhar, cortando o metal de modo a dilatar e dar forma definitiva á abertura; depois abre os sulcos necessarios e aplaina toda a superficie interna do encaixe.

Nesta machina a ferramenta tem o movimento de vae-vem que produz o corte no metal, e o estrado sobre que está preso o canhão só se desloca para apresentar uma nova secção a ser cortada, ao passo que a cunha é feita em outra plaina do primeiro typo, e em que a ferramenta conservando-se fixa, no bloco de aço que tem de formar a cunha se desloca em movimentos de vae-vem, sempre preso á meza da plaina.

Em qualquer dos typos dessas machinas o movimento pode ser horizontal, vertical ou inclinado, mas sempre rectilineo.

\* \*

A abertura do encaixe da cunha da culatra só é feita depois de montado o canhão, por isso as diversas peças que o constituem, completamente terminadas nas officinas de machinas, são reunidas na da montagem, e sobre o tubo-alma se ajustam as diferentes ordens de cintas e de reforços. Como vimos, esse ajustamento se faz collocando o tubo-alma em posição vertical, de boca para cima, e encaixando as cintas previamente aquecidas, cuja contracção é forçada por um jacto d'água. Assente cada ordem de cintas, o canhão volta ao torno para ser afagado antes de receber a ordem seguinte.

Aberto o encaixe da culatra, completa-se a brocagem do canhão, não concluída no primeiro trabalho, pois, que ao se retirar do tubo-alma o nucleo interior, as paredes do vazio ficam ainda com um pequeno excesso de metal que deve ser agora eliminado. Esta nova operação tem por fim formar definitivamente as paredes

da alma. Por fim, polido o canhão exteriormente em seu torno especial, é levado á machina de raiar que tem a bancada muito semelhante a de um torno commun.

O canhão é fixado horizontalmente com o eixo paralelo ao da machina. A ferramenta que abre os sulcos das raias ao longo das paredes internas está presa á extremidade de uma barra de aço e é formada com um tambor, tambem de aço, onde se acham adaptados e convenientemente dispostos tantos dentes do mesmo metal temperado, quantas as raias que se tem de abrir. Esses dentes encaixados dentro de pequenos sulcos feitos ao longo do tambor teem uma das extremidades presa por pequenos pinos e a outra, que é cortante, forçada para fóra por molas embutidas no fundo dos sulcos.

Em consequencia de tal dispositivo, quando o tambor é introduzido na alma do canhão e a percorre em um sentido, os dentes forçados pelas molas cortam o metal, abrindo sulcos em todo o percurso, enquanto que movendo-se em sentido opposto, os mesmos dentes são forçados para dentro dos encaixes, as molas cedem e elles deslizam sem offendere o metal.

A haste em cuja extremidade está fixado esse apparelo é cylindrica e rija, e pelo movimento alternado que se lhe imprime, entra e sahe pela boca do canhão percorrendo a alma em toda a extensão. Essa haste tem um sulco que forma na superficie uma helice perfeitamente igual ás raias que teem de ser abertas no canhão. Nos movimentos alternados ao longo da alma ella é exteriormente centrada e guiada por um mancal assente no prolongamento da bancada em frente á boca do canhão, e como no interior desse mancal existe um pino que se encaixa no sulco aberto em toda a extensão da haste, os dentes do tambor fixo á sua extremidade descrevem, com o movimento de vae-vem impresso á haste, sobre as paredes internas do canhão, helices perfeitamente semelhantes á do sulco nella existente, cortando o metal todas as vezes que se move no sentido de sahir e deslizando inoffensivos no sentido opposto.

No proprio tambor dentado ha um registro para graduar automaticamente a profundidade dos sulcos, de modo que só se faz a machina funcionar até que os dentes deixem por si mesmos de cortar. A largura das raias e a secção transversal são dadas pela forma e largura dos dentes do tambor.

Concluida a alma do canhão e abertas as raias, acaba-se de tornear a camara e o adoçamento que liga as duas partes, afim de se polir interiormente em uma machina de todo identica á de raiar, mas em que a haste de aço é substi-

tuida por uma de madeira revestida de couro que, pulverisada com esmeril, é repetidas vezes introduzida no canhão, animada de rapido movimento de rotação, até que fique toda a superficie interna completamente polida.

A delicadeza e precisão do trabalho produzido pelas diversas machinas, tanto quanto a superioridade do metal empregado, podem ser facilmente avaliados pelo seguinte resultado obtido em um dos muitos tornos existentes nas usinas de Essen: o metal cortado nos ultimos passes feitos sobre uma cinta de reforço de 30 pollegadas de diametro é tão delgado como uma folha de papel. Se collocarmos na balança uma dessas laminas de 1<sup>m</sup>,60 de comprimento e 0<sup>m</sup>,210 de largura vê-se que só pesa 90 grammas, o que corresponde a uma espessura de  $\frac{1}{50}$  de millimetro ou um terço da espessura de um cabello humano.

\*  
\* \*

Desde que as operações succinctamente descriptas estejam terminadas, transporta-se o canhão para a secção de apparelhamento onde se lhe ajusta o dispositivo de fechamento da culatra, constituído por uma peça de aço de secção trapezoidal que introduzida no reforço da culatra é forçada de modo a comprimir o obturador contra a extremidade posterior da alma, com esforço superior ao produzido pela expansão da polvora por occasião do tiro. Por isso se diz que a obturação é de compressão inicial.

A cunha é guiada nos movimentos de abrir e fechar a culatra pelos sulcos abertos na mortagem, e quando de todo introduzida, a compressão inicial é dada pelo forçamento produzido por um parafuso seccionado que se move por meio de uma alavanca.

Nos canhões de pequeno calibre as cunhas são facilmente operadas á mão; nos grandes, porém, o seu excessivo peso não permite puxal-as a pulso, e o apparelo é accionado por meio de um parafuso provido de manivella.

A usina Krupp tambem fabrica canhões com o apparelo de fechamento da culatra formado por uma peça de rosca interrompida, mas este dispositivo é considerado inferior ao da cunha.

Neste sistema a peça móvel da culatra não se desloca lateralmente: o fechamento se faz com um cylindro filetado que se introduz na parte posterior do canhão, no sentido do prolongamento do eixo. Para facilitar o avançamento desta peça e poupar o trabalho de dar muitas voltas para fazel-a encostar no fundo da camara, o filete da parte rosada é interrompido em trez partes, tanto na peça móvel como na culatra, de

maneira que ajustada convenientemente ella encaixa na culatra e com facilidade é levada até encontrar o fundo da camara, bastando, então, uma rotação de 60º para que os filetes se adaptem e produzam a compressão necessaria à obturação.

No fechamento da culatra a parte que merece mais cuidado, não importa o sistema adoptado, é a que tem por fim obturar perfeitamente a camara. Não é que a quantidade minima de gazes que a principio por ahi escapem, possa influir sensivelmente sobre o tiro, mas esse escapamento fazendo-se com extrema violencia, no fim de poucos tiros os gazes produzem erosões tão profundas no metal que alargam o escapamento a ponto de inutilizar a arma.

A obturação no canhão Krupp se faz por um anel de aço de grande elasticidade (annel de Broadwell) encaixado na parte posterior da camara, e a placa de contra-apoio, tambem de aço, embutida na cunha. Por occasião do tiro os gazes comprimem fortemente o anel contra o seu alojamento e contra a placa, de modo a vedar completamente a saída dos gazes. As duas peças que constituem o sistema de obturação podem ser facilmente substituidas quando deterioradas.

No outro sistema de fechamento Krupp a obturação é obtida por uma placa de asbesto de meia polegada de espessura, mantida entre dous discos de bronze. O asbesto comprimido entre os discos dilata-se nos bordos o suficiente para pedir o escapamento na occasião do tiro.

Com o emprego dos cartuchos metalicos nos canhões de tiro rapido, desapparecem os discos e os aneis de obturação, porque os proprios cartuchos servem de obturadores.

(Continua)

**Art. 7º dos Estatutos — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.**

## Instrucção pratica da companhia de infantaria nos trabalhos de sapa

Pelo coronel Dr. Francisco Emilio Julien

CONTINUAÇÃO

A ESQUADRA

Depois de uma solida instrucção individual, como exige o R. I. S. G., passa-se à da esquadra.

O R. S. S. determina em seu artigo 551, além do que se refere a officiaes, que cada companhia

designa annualmente dous sargentos para receberem uma instrucção solida dos trabalhos de sapa no batalhão de engenharia durante quatro semanas.

O commandante da companhia providenciará para que esses inferiores instruam os commandantes de esquadra e ás praças que serão os futuros cabos de reserva, na execução dos trabalhos de engenharia de modo que todos elles estejam em condições de dirigir e fiscalizar os trabalhos de sapa, etc., de toda a companhia. Está claro que todo commandante de esquadra tem de satisfazer o determinado no art. 307 do R. S. S. (1)

O esforço e a vontade de trabalhar dos homens serão extraordinarios si elles souberem de antemão qual o fim que se visa nos trabalhos que vão executar. E é por essa razão que os exercícios das esquadras com a pá propriamente ditos devem ser precedidos de um ensino theorico-pratico, dado por um official.

Esse ensino comprehende o seguinte:

- 1) Fim a que se destina a trincheira-abrigo;
- 2) As condições que ella deve satisfazer para corresponder a esse fim (dimensões e mascaramento do parapeito, etc.);
- 3) Deduzir dahi a forma da trincheira (perfil, projecção horizontal);
- 4) Adaptação da sua forma ao terreno e influencia da configuração do terreno sobre ella.

Não convém que esse ensino já se estenda a outros detalhes, taes como, blindagem, instalações de postos de observação, etc., e á construção de trincheiras reforçadas, o que tudo será objecto do ensino ulterior; ha, contudo, necessidade de que os homens desde logo se familiarizem com os termos technicos, taes como, parapeito, travezes, espaldão, taludes, etc., e de que elles comprehendam a significação de 1) trincheira para atiradores de joelhos, 2) trincheira para a tiradores de pé, bem como 3) trincheira reforçada e 4) trincheira ampliada; e devem saber bem qual a diferença que distingue uma da outra para terem uma imagem nítida de todas elles e saber de cór as dimensões das diversas partes do perfil. Isso, portanto, diz respeito ás figuras 100, 102, 104 e 107 do R. S. S. e ás respectivas dimensões: altura da linha de fogo (crista)=0,90, e 1,40 m, largura do fundo do fosso=0,60 m, largura da banqueta=0,50 m, altura da crista acima da berma=0,30 m.

Nos irabalhos praticos deve-se empregar systematicamente a esquadra e não grupos de esquadras, afim de corresponder ao que se pratica na guerra, de proporcionar-lhe desde logo uma imagem exacta do que se passa ahi, e permitir ao commandante de esquadra a direcção e fiscalização dos trabalhos de sua esquadra por cuja execução se o possa responsabilisar. Os homens excessentes, inproveitados em certo trabalho, podem assistir como espectadores afim de renderem os outros no trabalho.

O exercicio da execução de cada trabalho deve ser dado immediatamente em seguimento ao ensino correspondente, explicando-se primeiramente aos homens a natureza do trabalho que elles têm de executar; depois disso, os sargentos que tiveram uma instrucção solida, lhes mostrarão como devem executá-lo, chamando a sua

(\*) Vide «A Defeza Nacional» anno I, pag. 124, 1<sup>a</sup> col.

attenção para aquillo que for de maior importancia.

Na instrucção por esquadras, a escolha do terreno de natureza variada que mais se preste a ella, não será tão facil como na instrucção individual; convem que se disponha pelo menos de um terreno de duas especies diferentes, isto é, com uma parte consistente que admitta um talude escarpado e outra arenosa que exija o vestimento do talude. Pode-se tambem exercitar os homens em terreno rochoso e outro em cujo subsolo haja agua, afim de construir ahi uma trincheira cujo perfil traz a figura 101 do R. S. S.

Far-se-ão com a esquadra os exercícios dos trabalhos, por partes sucessivas até formação final da trincheira-abrigo. Para isso a esquadra estenderá primeiramente em linha, tal como atiradores, conservando os homens entre si uma distancia tal, que possam construir uma parte da trincheira com 8 a 10 m de frente (a extensão de um travez a outro, veja-se art. 292 R. S. S.) «Cada homem introduz a pá sucessivamente no solo na sua frente para fazer um rego estreito, que deverá ser o traço da aresta do talude exterior do fosso, até ao seu visinho da direita. Depois cavará tão rapidamente quanto possível, formando em primeiro lugar um apoio para seu fuzil», tal como determina o R. S. S. em seu art. 306, § 2, mas, é necessário que elle não se esqueça de dar ao fosso um talude exterior conveniente e de deixar um espaço de 0,30 m de largura junto á base do apoio do fuzil, que está formando com a terra do fosso, caso queira aproveitar esse espaço gramado para apoiar os cotovellos; no caso contrario deposita-a imediatamente junto á aresta exterior do rego até atingir á altura exigida para o parapeito; a outra terra que fôr retirando, elle lançará para a frente formando com ella o plano de fogo, evitando assim o trabalho penoso de lançar terra do fundo do fosso, o que lhe causaria muita dificuldade por ter de lançá-la então em grande arco. Convém que elle trace tambem desde logo a aresta do talude interior do fosso, medindo a sua distancia ao exterior por meio da pá (dois comprimentos de pá para o fosso da fig. 102 R. S. S., porque, os homens que não tiverem bastante cuidado poderão retirar terra do lugar onde ella deveria ficar intacta para ahi formar-se o padorso.

E' assim que, em regra, se deverá trabalhar, afim de seguir o principio que determina dever-se dispôr tão rapidamente quanto possível de um bom abrigo defensivo, que consistirá em uma serie de escavações a serem ocupadas por atiradores de joelho. Retirando depois do mesmo modo a terra que permaneceu entre elles, formarão os homens pouco a pouco uma perfeita trincheira continua, tal como a da fig. 100 do R. S. S.

Quando a esquadra construir uma trincheira é necessário que os homens sigam o principio de cavarem sempre para o lado direito, evitando assim que elles se estorvem uns aos outros, e que deixem torrões nos lugares em que justamente não se os quer. Assim, pois, subordinado a esse principio, o homem que se achar mais á esquerda deve atacar seu trabalho junto ao lugar em que se deve deixar um travez, ao passo que aquelle que estiver mais á direita deve atacá-lo á

distancia de 1,60 m do lugar em que se quer o outro travez.

Mesmo no caso de se pretender construir uma trincheira para atiradores de pé, convem que os homens não deem á escavação uma profundidade maior do que necessário para atiradores de joelho, porque, quanto mais aprofundarem o fosso tanto mais embaraçará o trabalho, que, portanto, será tambem tanto mais lento.

Os homens excessentes e que assistirem aos trabalhos serão aproveitados para amassarem a terra lançada para formar o parapeito, fazendo-os correr diversas vezes por fileira sobre ella, porque nesse passo o seu corpo cahê com todo seu peso de uma certa altura comprimindo a terra ainda solta.

As esquadras antes de atacarem o trabalho ensarilharão as armas imediatamente atraç dellas junto á trincheira que vão construir, as mochillas junto ás coronhas com a aba para baixo. Isso não quer dizer que uma ou outra mochilla não se possa deitar tambem atraç da trincheira, contanto que se colloque sobre ella o respectivo fuzil que deve ficar ao alcance do homem, devendo a boca da arma estar voltada para traz.

Na instrucção individual já foi exercitado o trabalho quando considerado sob o fogo do inimigo (R. S. S. 310), cumpre agora aos homens ligar entre si as diversas escavações feitas afim de completarem o trabalho na formação de uma cobertura unica. O processo ahi a seguir depende das baixas que soffrem os homens que trabalham. Nessas condições, poderão os atiradores trabalhar mais unidos, construindo diversas coberturas, separadas umas das outras.

Exactamente do mesmo modo vae se formando uma trincheira sob as condições de que trata o art. 309 R. S. S., isto é, quando se conta «com a possibilidade» de ficar o trabalho sob o fogo do inimigo; deve-se antes de tudo determinar que um dos homens de cada fila forme um abrigo suficiente que permita ao outro fazer fogo deitado, depois tambem formará um abrigo para si. Só depois de assim abrigados, os homens, aprofundam esses abrigos revesando-se nesse trabalho. A diferença entre a execução desse trabalho e a do outro consiste em se poder trabalhar ajoelhado enquanto não tiver começado o combate, caso não houver necessidade de occultar-se o trabalho, manejando-se para isso a pá na posição de deitado. Em ambos os processos a seguir na execução dos trabalhos nas condições de que tratam os art. 309 e 310 R. S. S. (consolidação do terreno sob o fogo do inimigo) ha necessidade de trabalharem os homens equipados, caso antes do combate todos já não tiverem desequipado.

Na construcão de trincheiras durante a noite, que é a regra deante de posições fortificadas e fortalezas, dá-se o inverso, isto é, os homens desequipam (R. S. S. 312), mas, trabalharão quasi sempre com a pá grande. Nessas condições é indispensavel que os trabalhos sejam executados com mais perfeição do que em outras condições, afim de evitar desmoronamentos do talude, e modificações nos parapeitos etc., quando se prosseguir nos trabalhos. Esses trabalhos devem, portanto, ser precedidos de um traçado previo assinalado por meio de pequenas bandeirolas de papel branco ou cardaço da mesma cor, estacas (R. S. S. 302, § 2). Mas a tropa deve

tambem exercitar-se em construir trincheiras, independentemente do traçado previo, numa frete e no logar em que se as desejam. A esquadra deve exercitar-se em marchar silenciosamente para o lugar dos trabalhoſ e em atacar e executar os tambem em silencio.

A munição e os alimentos que em tal situação os homens devem conduzir consigo (marcham sem mochilla e vasilhame para cosinhar, que é a regra, pois seu ruido facilmente pôde denunciar ao inimigo a sua presença) traz o art. 312 R. S. S.

Os movimentos da mudança das peças de equipamento devem ser exercitados tantas vezes quantas forem necessarios para que a sua execução seja uniforme, rápida e não os embarace. Os homens marcharão em uma direcção determinada (indicada p. ex. por meio de postes indicadores) ou pelo proprio terreno, por astros e pela bussola. Quando o homem tiver de conduzir a ferramenta de sapo na mão em uma grande extensão, conduzirá o fuzil a tiracolo, do ombro esquerdo para o quadril direito, e a pá na mão direita, apertando a folha contra a axilla e collocando o ferro da enhadada ou do machado sobre o antebraço dobrado em angulo recto.

Os homens marcharão, por assim dizer, sem cadencia (produzindo um ruido irregular).

O modo de atacarem os trabalhos em condições normaes, consiste apenas em que os homens façam alto no lugar desejado, estendam em linha como atiradores e deitem o fuzil atraç de si no solo. Tudo é executado á voz baixa de commando, previamente combinado, mas de um modo cauteloso e desigual.

Os homens começam a fazer as excavações tal como já foi ensinado e exercitado. O essencial na continuação do trabalho está em que os commandantes das esquadras se abstêm de corrigil-o e de quaisquer invectivas bem como de intervir na sua execução. Somente poderão dirigir-se a cada homem isoladamente, para o que se chegam bem junto a elle. Os homens trabalharão, finalmente, quando a escuridão for completa, e então, só ha a confiar na sua capacidade previamente adquirida, e a esperar o romper do dia para verificar-se somente qual o trabalho que realmente executaram.

Na verificação do resultado dos exercícios feitos até então, pôde-se, até certo ponto, recorrer áquelles em que se adapta a forma da trincheira-type á forma e á natureza do terreno, factores que acarretam modificações na forma sem, contudo, attenders-e a considerações táticas (frente, campo de tiro), porque, nesses exercícios trata-se apenas de trabalhos technicos. Tratar-se-á, portanto, ahi da construcção de trincheiras em terreno pedregoso (ilustrada com a fig. 101 R. S. S.) e de trincheiras de fosso profundo tal como a da fig 108 R. S. S. (todas essas trincheiras deverão ser sempre mascaradas, tanto na frente como atraç afim de evitar que a cabeça dos atiradores se destaque do fundo do céu).

Quando os homens trabalharem em declives muito pronunciados, deve-se attender á posição do corpo, a principio incommoda, e á dificuldade que offerece para se poder manter firme a terra que lançam para atraç e para que ella forme um parapeito conveniente, exigido pela fig. 106 R. S. S.

(Continua)

## Pelo nucleo de recrutas

«Mais il est permis même au plus faible d'avoir une bonne intention et de la dire.»

VICTOR HUGO.

Viemos de assistir como foram mais uma vez recebidos e distribuidos pelas diferentes armas os recem-sorteados, e ao nenhum criterio existente antepomos a accão de *nucleos* para os quaes elles convirjam directamente, e onde se possa aquilatar das aptidões de cada um facilitando-se assim a ardua missão do official no preparo das nossas futuras reservas.

Hoje mais do que nunca a regra a seguir é: — obter-se o maximo de reservistas no tempo minimo; não convém portanto que haja delongas no seu preparo, assim como devemos tirar partido das suas aptidões.

E não foi senão visando tão salutar desideratum que S. Ex. o Sr. Ministro da Guerra determinou que o serviço fosse de um anno para todas as armas, desde que o soldado tivesse revelado o necessário aproveitamento. (Aviso 175 de 2. 2. 918.)

Um tal resultado porem, podemos garantir, obter-se-á somente havendo determinada escolha antes da incorporação, caso contrario será elle um problema de solução imaginaria. Nada temos ainda que nos oriente neste sentido, e o processo que actualmente adoptamos é mais do que erroneo, senão vejamos.

Segundo a lei do sorteio todas as regiões, com excepção da 7.ª, fornecem contingentes para o Distrito Federal e o modo pelo qual se procede até que elles aqui cheguem alem de acarrefar uma flagrante violação do art.º 33 produz grande perda de tempo, encerra em si uma iniquidade. Assim é que os conscriptos de cada Região vindos do interior dos seus Estados apresentam-se nos corpos que lhes ficam mais proximos; ahi permanecendo algumas semanas durante as quaes são aproveitados nas fachinas, pois que «o recruta pode fazer serviços que não prejudiquem a sua instrucção e para os quaes esteja preparado». (Aviso n.º 61 de 17. 4. 918.)

Em quanto isto os commandantes de unidades fazem suas escolhas, de modo que quando, se determina o n.º dos que seguem para a séde da Região, ahi ficam os mais faceis de insririr:

— os não ana'phabetas (quando os ha) ou os mais lestos e geitosos. Seguem os restantes, que ao chegarem á Região são mandados encostar a um dos corpos ahi aquartelados onde passam por nova selecção, designando-se então os menos capazes para constituir o contingente do Distrito Federal.

Uma vez aqui chegado este contingente fica novamente encostado por alguns dias a um dos corpos mais proximos ao Quartel General; onde se repelem as mesmas operações: demonstram mais uma vez as suas habilidades nas fachinas e soffrem um novo exame perfunctorio, do qual resulta uma *enneagesima differenciação*, e é este rebutalho final que se vai distribuir pelas diversas armas tendo-se presente somente as guias de soccorrimento!..

Dahi resultarem verdadeiros disparates, e só por um bamburro da sorte vae ter a arma montada um homem que esteja habituado a tratar de

animaes, como acaba de acontecer com um dos corpos de Artilharia Montada desta Capital, onde foi incluido um vaqueano do norie, perfeito cavalleiro e sobre tudo dextro no jogar o laço; melhor fora se estivesse na cavallaria. Agradecemos porem ao bom fado não ser elle hoje futuro reservista da infantaria ou artilharia de costa, nas quaes não se aperfeiçoaria, como tambem amanhã em campanha, estaria privado de prestar o melhor dos seus esforços. Em contraposição a isto porém quantos optimos atiradores de *trabuço* não serão hoje conductores na artilharia e ignorarão para sempre o manejo do fuzil Mauser, e que no emtanto si recebessem a instrucao necessaria viriam a ser atiradores de classe especial na infantaria.

E' preciso tambem convir que quando por exemplo se fixa em seis o numero de homens a guarnecer uma torre, é porque se suppõe que todos estes sejam pelo menos medianamente fortes; mas si por uma ironia do destino calha irem ahi servir somente debeis e franzinos, nem uma duzia d'elles será capaz de movimental-a na occasião precisa.

Evidente está portanto a imperiosa necessidade de um prévio seleccionamento pelas diferentes armas antes de iniciar-se o anno de instrucao; podendo ser para isso aproveitado o tempo gasto naquella infinda peregrinação, com a inclusão directa de todo aquelle que viesse prestar serviço militar, num dos nucleos de recrutas existentes um pelo menos em cada Região. Estes nucleos que seriam de duração ephemera (cessando com a incorporação dos recrutas) ficariam a cargo de um numero restricto de officiaes das diferentes armas designados pelo General Inspector. Não viria este nucleo constituir novidade alguma, pois que a maior parte das Forças Policiaes — que são reservas do Exercito — já os possuem; mantem-n' o a do Distrito Federal no Campo dos Affonsos; a de S. Paulo possue um optimo regulamento o qual estabelece em seu artº 8º: «A Escola de recrutas é encarregada de ministrar aos recrutas o ensino preliminar militar, ou seja tudo quanto o soldado deve saber para manobrar e combater, (isto é: para mover-se, márchar e servir-se da bayoneta) *áfim de ser encorporado nas fileiras dos corpos.*»

Ora, comprehendendo a instrucao duas partes: uma geral, *commum aos recrutas de todas as armas*, e outra especial propria a cada uma destas (artº 14 do R. I. S. G.), teriam os nucleos o duplo fim de ministrarem aos recrutas aquella parte *commum* da sua instrucao, e fazerem uma designação judiciosa e proporcional aos claros das diversas armas, onde ao serem incluidos já poderiam receber a outra parte que lhes fosse propria. Elles viriam ainda sanar sensiveis falhas ora existentes; assim é que passando estes homens por diversos corpos sem que se saiba ao certo a qual d'elles virão a pertencer, nada se lhes paga até a sua incorporação, senão a etapa.

São porém diariamente escalados para a inefficaz fachina onde consomem a unica roupa que as vezes possuem; chegando a ficarem em estado de lastimavel penuria.

Tivemos innumeros desses casos; e era de ver a atrapalhação do official de dia em providenciar para que um d'esses homens podesse baixar ao Hospital, arranjando-lhe por emprestimo um capote com que cobrisse aquelles farrapos; isto

quando não se tratava de uma sarna ou outrá maledicencia contagiosa. E um commandante de corpo houve em visinha Região, que não pôde dar prompto cumprimento á ordem de fazer seguir um contingente que ahi estava encostado, afim de incorporar-se em definitivo a outra unidade, em vista do seu estado de quasi nudez; pedindo nesse sentido providencias do General Inspector, que fez vir os uniformes ao encontro dos incorporados. Com a criação dos nucleos, poderiam estes ter os uniformes em deposito e distribuir-los por adiantamento o que seria constatado nas guias.

Alguns outros casos poderíamos citar; si não fora tornarmo-nos fastidiosos, que viessem asseverar os grandes benefícios que traria uma instituição d'esta natureza; e a conveniencia para os corpos de receberem homens predispostos á sua instrucao especial, sabendo de antemão o seu numero e a época exacta de sua total inclusão.

O nucleo de recrutas talvez não satisfaça de um modo completo a questão, elle é porém uma solução viavel, e, como vimos, já sancionada pela prática nas policias; em falta de melhor porque não experimental-a?

2º Tenente José Faustino Filho.

N. da R. — Eis uma questão que reclama deveras um remedio. A descrição fiel que o autor apresenta evidencia que não pôde continuar como está a anarchia na distribuição dos recrutas pelas armas.

## Regulamento de Exercícios para Infantaria

De uma conferencia realizada no Club Militar.

### (Continuação)

### COMPANHIA

Propriamente no regulamento alemão só ha uma escola, que é a de companhia.

A instrucao individual e a instrucao das esquadras são trabalhos preparatorios para a escola de companhia.

Nos regulamentos franceses são estabelecidas de modo inteiramente distinto a escola do soldado, do pelotão e da companhia.

No regulamento alemão os subalternos, os sargentos e os cabos não commandam, quando no ambito de companhia; nos regulamentos franceses sempre.

Nós tinhamos alterado o regulamento alemão, enxertando o numero 142 que creou as vozes para o commando de pelotão. Diz o citado numero 142 o seguinte: «Compete aos commandantes de pelotão dar as vozes necessarias e guiar suas unidades para a execução das evoluções, ordenadas pelo commandante da companhia.»

Ao encetar a escola de companhia diz o numero 91:

«Como preparação para os exercícios de companhia, fazem-se exercícios de filas, fileiras, esquadra e pelotão: as prescrições indicadas para a companhia applicam-se a essas fracções.»

Essas palavras não deixavam a desejar quanto ao criterio a seguir no comando dos pelotões, secções, e esquadras. Os movimentos e evoluções de companhias, quer incorporadas, quer isoladas, fazem-se por meio de vozes de commando. Ora, parece fora de duvida que as evoluções dos pe-

lotões, secções e esquadras, feitas de acordo com as mesmas prescrições que regem as daquela unidade, se devem fazer também por vozes de comando. O numero 142 era uma verdadeira redundância, por isso que o n.º 81 estabelecia uma regra geral para nós, que desconhecíamos completamente a doutrina alemã.

Foi um ponto em que o nosso regulamento afastou-se do alemão, para respeitar as nossas antigas inspirações que eram francesas. Estas timbram em afirmar que os seus guias comandam quando incorporados à companhia. A 2.ª edição do regulamento eliminou o citado n.º 142. Qual dos dois métodos é melhor? Por mim não vejo superioridade de um sobre outro. Tanto se comanda à moda alemã, como à feição francesa. O fim que se tem em vista consegue-se do mesmo modo. A companhia fica do mesmo modo instruída e evoluciona-se igualmente. Quanto ao fim tático que se tem em vista ordem unida, de poder dispor da companhia na ocasião conveniente o seu comandante, penso ser antes um caso de acção pessoal desse do que de prescrições regulamentares. O capitão que imprimir à sua companhia o seu cunho especial de comando, com firmeza, com energia, fazendo nascer nos seus comandados a confiança na sua acção, no seu valor, com vozes ou sem elas, terá a sua companhia como bloco, quando dela necessitar.

A questão de vozes é um caso de exterioridade. Alguns acham que as vozes dos comandantes de pelotão e cabos de esquadra fazem muito ruído; outros, não, gostam mais de vozes de comando. Em última análise a companhia instrui-se do mesmo modo, com vozes ou sem elas. O nosso soldado que não é o mesmo dianthano, conhece a instrução de sua arma. As evoluções regulamentares da companhia são muito poucas, de modo que elle as conhece todas, por efeito da instrução intensiva a que submettido.

A única diferença palpável que ha entre os regulamentos franceses de 1904 e 1914 e o alemão é esta questão de vozes. Nas evoluções em ordem unida são tantos os pontos de contacto, que se pode dizer que os regulamentos em essencia são uma unica cousa.

Já Bonnal commentando os regulamentos franceses de 1904 e alemão de 1906 diz o seguinte nas *Questões Militares de Actualidade: os regulamentos de 1904 e de 1906 estão baseados sobre os mesmos princípios e apresentam em si uma grande semelhança*. Em continuação diz ainda que sendo o frances mais antigo que o alemão, é menos completo, porque ainda não registra os ensinamentos da guerra russo-japonesa.

O regulamento frances de 1914 approxima-se mais ainda do alemão de 1906. Os alemães incontestavelmente tinham-se adiantado muitíssimo aos franceses, neste particular. O próprio regulamento frances de 1904 foi inspirado em regulamentos alemães anteriores, como affirma Bonnal na sua obra citada.

Antes de encetarmos umas ligeiras considerações sobre as evoluções da companhia é conveniente frisar uma dissimilitude entre as nossas formações e a alemã. Sendo como é a nossa instrução alemã, a nossa companhia devia constituir-se como a alemã, o que não se dá. As formações francesas e alemãs são muitíssimo semelhantes; pequenas são as diferenças. Nós

adoptamos as formações de companhia e de pelotão em linha como os franceses.

O nosso regulamento estabelece as seguintes formações para a companhia:

- Formação em linha
- Formações em columna
- Formações de costado

A companhia pode formar *em linha, em linha de columna, em columna de pelotões, em columna de esquadras e columna por dois*.

São essas as únicas formações que pode tomar uma companhia. Para evitar abusos de ordem unida e phantasias temos o art. 141: «O commandante da companhia pode mandar executar outras mudanças de formações alem das indicadas neste regulamento, quando a situação e o terreno o exigirem, contanto que na sua execução se obedeça aos princípios geraes aqui estabelecidos. Os termos desse numero — quando a situação de combate e o terreno o exigirem são muito claros, nada deixam a desejar.

Nós não podemos fazer nenhuma evolução afora as regulamentares, porque os princípios geraes, estabelecidos no nosso regulamento, e citados no princípio desta palestra limitam terminantemente o numero de evoluções, de modo que se pode considerar tempo improficuamente gasto o que se empregar em evoluções não regulamentares.

As evoluções da companhia são de uma grande simplicidade e em numero muito limitado. As passagens de uma formação para outra não offerecem a menor dificuldade, entretanto temos alguns pontos controvertidos, alguns dos quaes esclarecidos melhor pela nova edição.

Nas formações por conversão tenho visto uma execução que não é do regulamento. Uma conversão só termina pela voz de *alto!* ou em *frente!* O processo que tem sido adoptado em muitos corpos de fazer o soldado contar um certo numero de passos e depois fazer o *alto!* Está errado. E' exacto que facilita muito o comando, mas não é regulamentar.

Fazer o pelotão romper em marcha, quando em linha, por esquadra da direita, também não é permitido pelo regulamento, que não permite duas formações para o mesmo fim. Nós temos para o pelotão romper a marcha nestas condições, a columna de esquadra pela direita. A companhia executa essa evolução, porque não existe mais a columna de esquadra partindo de companhia em linha, ganhando terreno para a retaguarda.

Sendo a columna de esquadra uma columna essencialmente de marcha, não havia mesmo razão que se caminhasse para a retaguarda quando se tem em vista a marcha para a frente. E' gastar tempo e esforço inutilmente.

No regulamento frances de 1914 não ha novidades. As formações são as mesmas com pequenas modificações, quanto a distância, intervalos e posição de guias, o que absolutamente não constitue elementos de diferenciação.

A 2.ª edição na parte de companhia alterou diversas denominações e eliminou prescrições pouco aceitáveis, substituindo o dobramento e o desdobramento por diminuição e aumento de frente.

Não me occupo mais demoradamente dos movimentos e formações de companhia em ordem unida, porque tudo isso é muito simples e muito facil. Os nossos progressos são notaveis, porque

na época de exame de companhia todas as praças conhecem perfeitamente a instrução dessa unidade. A maior parte dos cabos e sargentos são capazes de fazer evoluções com a companhia. E' questão apenas de exercitá-los um pouco. Tendo se acabado aquelas séries intermináveis de evoluções do regulamento Moreira Cezar, a instrução da companhia simplificou-se de uma maneira extraordinária.

Sendo em número tão diminuto as evoluções da companhia, nós trabalhamos com ella sem vozes ou com vozes; com officiaes ou sem elles; com cabos e sargentos ou sem elles. Todas as praças da companhia conhecem as evoluções e sabem executá-las e até facto verdadeiramente novo, criticar os seus superiores quando erram.

Toda a dificuldade da instrução incide na instrução individual, porque nós temos que vencer as resistências que nos fornece o elemento homem individualmente. E elas são tantas!!

E preciso uma dose interminável de paciencia e de boa vontade para repetir todas as manhãs a mesma coisa dez vezes, cem vezes, em muitos casos com resultados negativos.

A parte da instrução de companhia é a mais fácil. O recruta já traz uma instrução individual senão completa, cada vez melhor. Já evoluciona em conjunto. A principal função do comandante de companhia é a orientação e a fiscalização durante a instrução de recrutas.

Sendo a instrução da companhia em ordem unida uma coisa tão simples, não se deve aquilatar de capacidade do capitão por ella. A instrução de uma companhia em ordem unida pôde perfeitamente mostrar a incapacidade do oficial: nunca o seu valor profissional. E bem assim o oficial que souber instruir-a e comandá-la, pode ainda deixar muito a desejar sob o ponto de vista profissional. O estalão é diminuto demais para medir a capacidade do oficial com já notáveis responsabilidades de comando. Os regulamentos fornecem meios mais seguros e mais satisfatórios....

Incontestavelmente com a supressão do artigo 142, accentua-se a tendência para uma maior aproximação do regulamento alemão. De acordo com o número 91 que estabelecia a instrução da fila, esquadra, secção, pelotão, nós tínhamos o comando dos grupos, quando incorporados à companhia:

A doutrina alemã entre nós não poderá ser radicalmente aplicada sem um trabalho explicativo de suas inovações, de algumas das quais não suspeitamos a existência. E esta questão de comando dos grupos foi uma delas, aliás ventiladas por oficial estranho a arma, o Sr. General Tasso Fragoso.

O regulamento alemão dá lugar a duas interpretações diferentes e completamente opostas: uma para os alemães e outra para nós brasileiros.

A existência desses dois aspectos, tão dissemelhantes de uma mesma questão, é um caso de interpretação; é uma questão de hermetica.

A favor da feição alemã existem a filiação histórica e a tradição; em apoio da orientação regulamentar brasileira constatam-se esses mesmos dados. E como as nossas tradições são diferentes, chegamos a conclusões desiguais.

O alemão sempre considerou que a companhia em ordem unida era um bloco nas mãos do capitão. Nós, inspirados em regulamentos france-

zes, davamos comando aos grupos, quando incorporados. Não podíamos fazer uma transformação tão radical, tão contra os nossos hábitos, sem prescrições taxativas e claras que nos orientassem convenientemente.

E tanto existe uma interpretação nossa que nós davamos comando aos cabos e sargentos, quando no âmbito da companhia. Porque procedímos assim? Havia uma disposição terminante, taxativa que a tal nos obrigasse? Porque, então, de Norte ao Sul, davamos tais atribuições aos chefes dos grupos menores da companhia? Só encontro explicação para o facto, na nossa tradição, influenciando o nosso espírito de modo a darmos ao n.º 91 uma interpretação diferente da alemã.

Todos os desacertos que temos cometido na instrução, a ponto de alterarmos prescrições insopáveis do regulamento criando movimentos, que ao nosso capricho se afiguram mais apropriados ao fim que se tinha em vista, não nos devem impressionar muito, porque é forçoso confessar, que nós não estávamos na altura de comprehender e a aplicar à primeira vista, o regulamento alemão. Consolemo-nos, entretanto, dessa fraqueza, diante da afirmação insuspeita e autorizada de Litzmann, que disse, que, quando foi publicado o regulamento de 1906, o exército alemão não estava em condições de aplicá-lo e nós em 1915 estávamos mais atraídos do que os alemães em 1906. Devemos, pois, considerar os anos que passaram, como um período de aprendizagem.

As mesmas dificuldades, que encontramos no regulamento de infantaria, temos a vencer no regulamento de tiro. Em geral os officiaes, qualquer que seja a origem de onde venham chegam aos corpos recrutas no ensino.

Os regulamentos não estando ainda, convenientemente assimilados é muito o tempo que se perde. Penso que os nossos regulamentos devem vir acompanhados de notas explicativas, dirimentes de dificuldades, que nós não podemos conhecer, porque são elas superiores ao nosso nível profissional, a nossa época.

Erramos muito, muitíssimo, por não estarmos convenientemente orientados sendo a doutrina alemã completamente desconhecida para uma grande maioria.

Quando um illustre colega, o major Alvaro Mariante, me disse que os subalternos alemães não comandam no âmbito da companhia, afirmação que eu ouvia pela primeira vez, (1) fitei-o com assombro, como se tivesse diante de mim um candidato ao Hospício.

Depois de convencido da verdadeira doutrina alemã, que não me foi possível obrigar nas linhas do nosso regulamento, procurei praticá-lo convenientemente.

Tendo tido a honra de comandar uma companhia do 52.º Batalhão de Caçadores, perfeitamente instruída, devido antes ao devotamento profissional e a competência dos meus subalternos, do que ao meu trabalho, exercitei-a uma única vez em evoluções sem as vozes dos comandantes de grupos. O resultado não podia ser melhor, donde conclui, por experiência própria que nós podíamos executar o regulamento alemão em toda a sua pureza.

Creio não errar affirmando que sem um órgão uniformizador da nossa instrução ella ver-se-á sempre alterada. Haverá um modo de com-

mandar ou mais de um na Capital Federal e outros nos Estados, até que a evolução venha lentamente preparar e ultimar uma concordância necessária e que não pode ser demorada. Aqui onde se podem trocar ideias, onde os elementos subsidiários para as boas interpretações avultam bastante, podemos chegar à uniformidade desejada, com um pequeno impulso orientador. Nos Estados, porém, uma orientação harmonizadora far-se-á mais difícil, porque o nosso senso crítico, mais libertado de pés restrinquentes, operará em zona franca exercendo uma analyse excessiva, que se preocupará com pequenas lacunas, facilmente preenchíveis pelo nosso bom senso. Seria incontestavelmente mais prático, mais consentâneo com as nossas necessidades, que os dizeres do regulamento acompanhados de notas explicativas dispensassem os suprimentos de bom senso de cada um, porque é profundamente verdadeira a observação de Descartos: A cousa mais bem repartida deste mundo é o juízo. Assim sendo todos julgar-se-ão suficientemente habilitados a interpretar a seu talante, as disposições regulamentares e como, em cada cabeça cada sentença, nós teríamos uma instrução variadíssima e interessante. Pode se até certo ponto colocar a questão moral como um dos elementos negativos que operam em sentido contrário ao nosso apparelhamento profissional. E tanto assim é verdade que achamos já a nossa missão social e militar completamente ultimada, com a instrução do soldado no pé em que se acha. A preparação conveniente dos quadros está a pedir mais acurado estudo. Especialmente é bom frisar o quadro de officiaes. A educação de soldado está resolvida. Precisamos agora nos preocupar com o quadro de officiaes: é inútil encarecer a importância do assumpto: O nível intelectual do soldado tem melhorado extraordinariamente; os cabos apresentam resultados dignos de especial menção; temos uma Escola de Aperfeiçoamento para sargentos. Podemos, pois, escripturar com consciência os progressos notáveis do soldado, do cabo e do sargento. Pergunto-vos si, paralelamente a essa conquista, há o alevantamento profissional do oficial? Não, absolutamente não. E por isso a instrução vai pouco além da ordem unida, contra o espírito de todo o regulamento, que manda preparar o soldado para a guerra. E' urgente nos dedicarmos a instrução do oficial, sob pena de ficarmos em posição de inferioridade relativa. A execução dos regulamentos descuidada nesta parte, é assumpto que devemos encarar com mais atenção. O nosso atrazo é manifesto e, entretanto as preocupações regulamentares abundam em conselhos, tendentes à nossa educação militar. Perdemos um tempo precioso. Precisamos tratar com devotamento do desenvolvimento do oficial pelo jogo da guerra, pela solução dos temas táticos no terreno e na carta e mais conselhos regulamentares. Em todos os exercitos é esse um ponto essencial da instrução profissional. Os nossos exames de companhia e as nossas manobras atestam eloquentemente a nossa fraqueza em assumpto de tanta relevância. Enquanto os nossos recursos profissionais não forem desenvolvidos pela ação benéfica do trabalho intelectual, os nossos regulamentos terão interpretações, dignas do nosso acanhamento.

O estudo, a comprehensão do nosso regulamento, requer trabalho, leitura productiva, obser-

vação. Estudamos pouco demais ou por outro não estudamos nada. Folheamos só e unicamente o regulamento de tiro, o de infantaria e o de serviço interno. Com a parcimônia desse trabalho não podemos produzir o aperfeiçoamento da tropa para fins de combate. Não faltam os que querem desacreditar o jogo de guerra e a solução de temas táticos, mas não é opinião de valor que tenha efeito persuasivo. E' uma evasiva irmã gemea do menor esforço; não está amparada pela necessidade de quem quer trabalhar. Pela ultima estatística de Biblioteca do Club Militar nós chegamos a dados interessantes: De Julho a Setembro — obras consultadas ou retiradas 283, sendo militares, 29, científicas, 52, e literárias 157... Os números são sugestivos e eloquentes: 157 obras literárias para 29 militares. Não será lendo Camillo, Anatole, Machado de Assis e Paulo de Kock, que nos faremos bons militares.

O penhor do devotamento profissional não garante a vitória contra a tendência maldosa das quais que desacreditam a mercancia, porque não querem ou não podem comprá-la.

A existência de disposições regulamentares taxativas, imperativas, após as observações valiosas das potências militares não pode sofrer ataque apreciável, com tendências negativas. Será acto de má fé a occultar a desidio, e abandono profissional.

O commandante Bize, estudando o regulamento francês de 1904 pergunta:

«Um oficial instruído e compenetrado de seus deveres pode formar soldados indisciplinados, insuficientemente instruídos?

«E' pois a instrução dos quadros que deve ser hoje objecto de toda a solicitude por parte dos chefes superiores.»

«O chefe, em todos os graus da hierarchia, tem o dever de educar e instruir os quadros que estão sob suas ordens imediatas. (R. francês.)

«E' preciso pois constatar a existência da instrução dos quadros, no interesse superior do exercito e do Paiz e não unicamente a do soldado que não é atribuição dos chefes superiores.»

O melhor meio de orientação que nós temos na vastidão do nosso território é a instrução profissional do oficial pelo desenvolvimento de seu espírito no cultivo intelectual da profissão. Desenvolvendo-lhe o gosto pelos assumtos da profissão, no exercício mobilizante de sua parte intelectual, tel-o-hemos compenetrado com sua missão, no sentimento do seu maior valimento.

O Guia para o Ensino de Tática expressasse nos seguintes termos: «E' de grande importância a organização dos temas. Mesmo o mais jovem oficial deve conhecer neste exercito de milhões o amplo scenario dentro do qual elle terá de agir na guerra. Isso é exigido sobretudo pela instrução científico-militar, que deve constituir o fundamento sobre que o oficial continuará a erguer o edifício do seu valor profissional. Assim organizado deve essa base dar-lhe incentivos para um trabalho intelectual próprio ao lado do serviço prático da tropa, habilitando-a a cultivar com interesse e intelligencia o estudo extraordinariamente importante da historia militar e para solução dos temas escriptos, propostos no inverno, preparando para as conferências e o concurso de admissão à Escola do Estado-Maior. Tendo em mira o objectivo e os grandes proble-

mas do exercito, isso os eleva acima de suas occupações diárias, aguça-lhes as vistos e lhes mantem vivo o gosto pela profissão.

Para se produzir algo de perfeito num especialidade qualquer é preciso ter uma vista de conjuntos sobre o todo, que a abrange. Só assim o official adquirirá uma noção exacta da guerra.

Elle reconhecerá desse modo, e quanto a grande guerra exige da tropa e quão necessárias são, para que esta se erga á altura das grandes exigências, os nossos exercícios do tempo de paz. Elle precisa alem disso saber que o seu fim é combater incorporado numa Divisão ou Corpo de Exercito e deve ter uma noção exacta do que sejam essas unidades, embora não tenha ainda que operar com elles.»

Mostra a importante missão que tem o jovem oficial de cavallaria no serviço de esclarecimentos, onde acha-se «muitas vezes em face de situações em que terá de julgar operações de grandes proporções.»

Depois de referir-se ao preparo especial do oficial de artilharia para serviço de patrulha, occupa-se do oficial de infantaria nos seguintes termos: «O official de infantaria encontra tambem situações que reclamam o conhecimento da tropa em grandes proporções, quer no serviço de postos avançados, quer na cobertura dos flancos, ou como chefe da secção de cyclistas. Principalmente das patrulhas de officiaes de infantaria se exige muito, desde que elles alcançaram tão grande significação no esclarecimento approximado e no do combate.»

Desenvolvendo o espirito pelo trabalho intellectual, como revigoramos os músculos pelos exercícios physicos, bem podemos crear no nosso meio um fructo de nossa época, como já o foi de eocpas anteriores aquelle rebarbativo tipo de tamborimbeiro, de notável valor no seu tempo, mas que hoje seria um absurdo escandaloso, um outro de feito moderno, de requintado porte, a que poderíamos chamar enfaticante *troupe intellectual*. Não lhe faltaria nem o gallicismo consagrado e chic.

Dentre de uma caserna, diariamente, de sol a sol, sem o trabalho intellectual regulamentar, as nossas aptidões espirituais ver-se-ão constrangidas entre limites reduzidos. Candidatos a funções de alto commando, lá chegaremos cambalidos por pertinaz preguiça intellectual. E o auxilio que nós pidirmos serodiamente aos livros, serão balões de oxigenio que só podem demorar a ruina de intelligencias em franco declinio.

Envidemos esforços para que tal não succeda, vencendo a hostilidade do meio, que está preparado para uma acção benefica, de resultados fructuosos.

Sempre fui daquelles que pensam que o official se faz na função do commando, na tropa. Diz Gavet que a arte de commandar é a arte profissional do official. Considero tão necessário ao official o serviço arregimentado, como é necessário á nossa vida o ar, que respiramos. C'est en forgeant, qu' on devient et qu' on reste forgeron.

De todos os serviços militares, o mais pesado, o que exige mais dedicação, a maior somma de sacrifícios é incontestavelmente a caserna. E' no seu serviço diário, fatigante, exhaustivo, que se faz o bom official e onde elle pode revelar as suas qualidades militares.

O serviço da tropa é a mais importante actividade militar. As outras occupações, posto que importantes, importantíssimas, são secundárias e auxiliares.

Se ha privações na vida militar, se ha o desconforto que offende physica e moralmente; se muitas vezes, juntam-se ao abandono da familia as agruras de uma campanha ingrata e ingloria; se há o perigo e a lucta a todos os instantes e o sacrificio a cada momento, tudo incide sobre o official arregimentado que não conhece as docuras da vida burocrática e o socego intangivel do professorado.

Mas para que tudo isso tenha valor é preciso não descuidarmos a parte intellectual da nossa instrucção. Sem ella todo o nosso esforço não passará de um trabalho corriqueiro e vulgar.

#### BATALHÃO

A nova edição do regulamento deu nova redacção ao numero 255 antigo com o que temos agora disposições, que não deixam lugar á menor duvida.

«O commandante do batalhão dirige a sua unidade por meio de ordens. Quando em casos especiaes (nota bene): em casos especiaes, quer com mandar o batalhão por meio de vozes, deve prevenir. O toque de corneta só é empregado como advertencia para pôr as columnas de marcha em movimento e para detel-as. Os commandantes de companhias darão, porém, as vozes de alto! e de ordinario marche! para as suas unidades.»

As prescrições regulamentares não deixam lugar a duas interpretações. O batalhão normalmente trabalha por meio de ordens; especialmente por vozes; nunca a toque de corneta. O regulamento francez e o alemão prescrevem as mesmas regras. Não admitem como nós o toque de corneta para romper ou deter a marcha. A nossa instrucção tem por fim o combate. As paradas e outras formaturas de tempo de paz fazem necessárias formações especiaes, mas procura-se attenuar este mal harmonisando as necessidades da guerra com as exigências do tempo de paz. E como o batalhão não trabalha na guerra por toque de corneta e nem ha a mais leve necessidade de que tal se faça em tempo de paz, o novo regulamento, o francez e o alemão acabaram com as evoluções a toque de corneta.

Como já affirmei no principio da palestra o batalhão não trabalha em ordem unida.

São poucas as formações do batalhão. O commando só pode tomar outra formação quando o terreno ou o fim que se tem em vista exigirem.

Pelo pequeno numero de formações que pode tomar um batalhão vê-se claramente que não se pode perder tempo em trabalhar com elle em ordem unida. O que nós precisamos é ver as companhias trabalhar em conjunto no campo com efectivos de guerra, dedicar algum tempo antes das manobras ao combate de pequenas unidades, creando situações táticas no terreno, com elementos de defesa e de ataque. Será esse o melhor meio de nós instruirmos o soldado e e nos instruirmos a nós mesmos.

#### CONCLUSÕES

Do estudo, que acabo de fazer, resultam diversas conclusões que convém frizar claramente em proveito da instrucção:

1.º — *Commando dos grupas* — Sendo a nova orientação do regulamento, uma maior aproximação do original, desapareceu o comando do grupo, quando incorporado á companhia. Officiaes subalternos, sargentos e cabos não commandam mais. A companhia evoluciona unicamente á voz de seu chefe.

2.º — *Uniformização da instrucção* — As novas disposições tendem á uniformizar a nossa instrucção, o que será conseguido com um pouco de boa vontade dos nossos camaradas. A situação anarchica, em que nos achamos, não pode perdurar mais, em obediencia aos termos imperativos do regulamento.

3.º — *A companhia nas mãos do seu chefe* — A questão do capitão dispor da companhia em ordem unida, como um bloco, não depende de prescrições regulamentares: é uma questão de accão pessoal desse chefe; pelo menos é a conclusão a que se chega no estado actual do nosso exercito.

4.º — *Periodo do batalhão* — O batalhão e unidades maiores não trabalham em ordem unida. E' a época mais util de nossa instrucção, porque é a época em que as companhias poderão fazer exercícios táticos no campo, com efectivos de guerra. E' uma parte da instrucção, que está a pedir de nossos chefes um carinhoso acolhimento.

5.º — *Meios de comando no batalhão* — Afirmação categorica e incontestável de que o batalhão evoluciona normalmente por ordens; excepcionalmente, por vozes; nunca, por toques de cornetas. Assim procedem os alemaes e os franceses.

O que tem constituido para nós um verdadeiro mal, criador de um *mare-magnum* de prescrições originaes e interessantes é nosso excessivo espirito de analyse. E' a critica em excesso que nos faz pessimistas descrentes de tudo e de todos: não collocamos pedra sobre pedra para construir, nem que seja um castello no ar. Em compensação achamos tudo errado, e imperfeito. Parece que é um feitio visceralmente nosso, que devemos combater.

Qualquer imperfeição que nós achamos no regulamento, devemos leval-a á mingua de nossa competencia profissional. O regulamento está errado; nós é que estamos errados. Só agora é que o estamos entendendo. E se por ventura encontramos algum movimento, que nos pareça inconveniente e impróprio, estudemos, observemos e reconheceremos ainda a nossa insuficiencia para criticar ou condenar ensinamentos, que estão acima do nosso nível profissional.

Abandonemos preocupações pessoais, a mania de originalidades, neste assumpto inteiramente descabidas, fóra de propósito, para estudar e apprehender as novas modificações do regulamento, valiosissimo serviço que nos prestou o Estado-Maior com a revisão da primitiva edição.

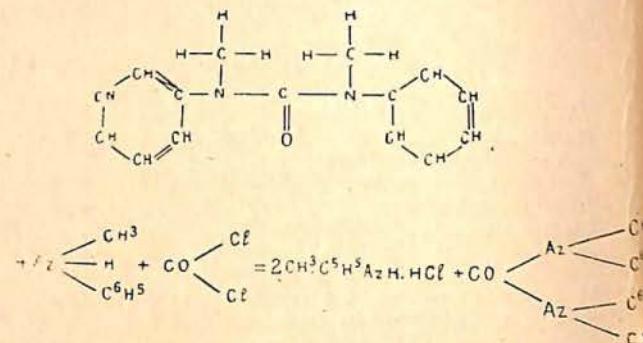
Os que mourejam diariamente na caserna, verdadeiramente identificados com as nossas necessidades e os nossos destinos, podem proclamar, com alevantado animo, os grandes benefícios que nos trouxe a nova edição.

Para terminar só me resta pedir á douta assemblea, que me ouve, perdão para o *troupeiro obscuro e rude* que ousou abordar assumpto de tanta magnitude.

Capitão Alvaro de Alencastre.

## CENTRALITE

Por terem sahido incorrectas reproduzimos estas formulas do trabalho de nosso preso camarada e collaborador, 1.º tenente Pericles Ferrez, publicado no numero de abril.



## TIRO

(NOTAS)

I

Ouvi de alguns camaradas que para o sul muitos corpos não haviam posto em execução, até certo tempo, o regulamento de tiro. Allegavam em favor de semelhante procedimento o facto de não disporrem os mesmos corpos do fuzil M. 1908.

Relativamente á segunda parte não se pode ter a menor duvida. Uma recente publicação feita pelo Boletim do Estado Maior do Exercito e relativa ao 10.º R. I. mostra que ainda se usa pelo sul o antigo fuzil. Quanto á primeira, porém, não sei até que ponto o commentario é verdadeiro. Mas em nosso meio tudo é possível; neste caso não se comprehende a razão de ser daquella justificativa.

O R. T. I. regulamenta é o tiro para a infantaria, isto é, o que se deve observar na instrucção de tiro da infantaria. Agora, as exigencias para classificação de atiradores é que não podem ser para o fuzil de 1895 as mesmas que se acham consagradas no R. T. I., visto que tales exigencias foram organisadas para um fuzil de qualidades balisticas determinadas. Que se attenda então ao grão de precisão do fuzil de 1895 e se annexem ao regulamento as exigencias compatíveis com esse fuzil. O facto do regulamento trazer coefficients numericos relativos ao fuzil de

1908 não significa que elle só deva servir para esse fuzil. A propria capa do regulamento é um atestado do que se afirma. A expressão — Fuzil M 1908 —, do parenthesis, foi justamente assim disposta para evitar a possibilidade daquella interpretação. Ella em nada altera o carácter geral que as prescrições do regulamento encerram.

## II

Por ter pessoalmente presenciado varias vezes, não posso deixar de fazer um ligeiro commentario em torno de uma questão, que apezar de elementar, ao mesmo tempo que importante, não deixa de ser de alguma sorte interessante. E' a questão relativa á quantidade de massa de mira.

E' muito commum entre os nossos instructores, por já se ter enraizado como consequencia de uma noção antiga, viciada, o erro sobre a questão da quantidade de massa. Duas são, em geral, as expressões que empregam na correcção da pontaria, e dizem, p. ex., *atire com pouca massa, faça pontaria com muita massa*. E nas discussões afirmam (cousa curiosa) com a maior simplicidade que «está no regulamento».

Mas não é isto. O que o regulamento diz é que o excesso e a insufficiencia de massa são erros de pontaria; que a pontaria é sempre a mesma, uma e unica, a da figura (7a) que elle claramente indica. Se porem o tiro fôr um pouco alto ou baixo faz-se a correcção, não diminuindo ou augmentando a massa, mas sim tomando um ponto de visada um pouco abaixo ou acima do primitivo.

E' preciso notar que esta solução redonda afinal de contas em dar mais ou menos massa, (\*) e quando se a emprega em lugar das expressões referidas é porque se torna muito mais facil corrigir no alvo um desvio do que pretender medil-o sobre um elemento tão pequeno como é a massa, ainda visto a curta distancia e piscando os olhos. Qualquer fracção de millimetro que se dê a mais na massa normal resulta no alvo um desvio que em geral é muito maior do que aquelle que se procura corrigir.

E não é só isto. Se o recurso da correcção do tiro pela quantidade de massa é condemnável, não menos o é o emprego de expressões que deixam o homem na

duvida sobre a possibilidade de seu emprego.

Não ha duvida que o uso de semelhantes expressões deixa perfeitamente comprehender que se pode corrigir o tiro pela relatividade entre os elementos — *massa e entalhe de mira*.

Devem ser por isso condemnados: 1.º O ensino da correcção da pontaria com o auxilio da quantidade de massa, mesmo porque é contra o regulamento. 2.º O emprego de expressões que envolvam a idéa da quantidade de massa.

Estas faltas ainda assumem maior importancia quando se considera que essas primeiras noções são destinadas a homens que vão pela primeira vez em sua vida travar conhecimento com semelhantes problemas. Assim, portanto, nunca será de mais lembrar que «uma instrucção má ou incompleta dos recrutas faz sentir seus efeitos durante todo o tempo de serviço; as faltas que se deixam passar no começo da instrucção fazem quasi sempre sentir depois suas funestas consequencias (R. E. I. 25).

1º Tenente *Barbosa Monteiro*.

N. da R.: em relação ao primitivo ponto de visada.

## Cuidados com a saude

Do *Private's Manual* do major Jas. A. Moss, do exercito norte-americano. Este capítulo foi escrito pelo major medico Frank Thomas Woodbury, considerado um dos melhores conferencistas no assumpto.

### IMPORTANCIA DA BOA SAUDE

Não se avalia a força de um exercito pelos quadros do seu effectivo, mas pelo numero de homens aptos para combater. Cada homem doente é um fuzil de menos na linha de fogo.

A boa saude é tão necessaria a qualquer exercito como os fuzis ou a munição.

Um exercito de doentes não é mais que um hospital, e até hoje nenhum hospital ganhou uma batalha.

Devido aos esforços exigidos pelas marchas, pela exposição ás intemperies e outros rigores, á tensão nervosa e physica da batalha moderna, não ha nenhum outro ramo da actividade humana cujo sucesso dependa tanto da boa saude como a actividade militar.

Na verdade, é tão necessario ao soldado cuidar da sua saude como do seu fuzil e da sua munição.

A importancia de se fazer tudo o que é possivel pela saude resalta do facto, registrado pela historia, de ter morrido em todas as guerras, até hoje, mais gente de doenças do que em combate ou dos ferimentos nelles adquiridos.

Na Guerra Civil dos Estados Unidos, por exemplo, para cada homem do partido da União morto

em combate ou dos ferimentos adquiridos, morreram dous de doença. Na guerra hispano-americana a proporção foi de 1 para 5½.

### ESPECIES DE DOENÇAS

Só ha duas especies de doenças:

- 1) As que se podem apanhar de outras pessoas ou de animaes;
- 2) As que não se podem apanhar de outras pessoas nem de animaes.

### Doenças que se podem apanhar de outras pessoas ou de animaes

GERMENS. Todas as doenças que se podem apanhar são produzidas por pequenos, minuscúlos animaes vivos ou plantas. Da-se-lhes o nome de *germens*. Alguns delles são tão pequenos que para vel-los é preciso um microscópio.

As doenças que se podem apanhar de outras pessoas ou dos animaes são chamadas *infecciosas*. A' entrada dos germens no corpo chama-se *infecção*.

(Nota. A doença *contagiosa* é uma doença infecciosa que se apanha pelo contacto de outras pessoas ou de animaes, ou de objectos por elles tocados, como lenços, toalhas, livros, cartas, pratos, brinquedos ou animaes de estimação).

Do ponto de vista militar, as doenças infecciosas têm uma grande importancia, pois elles determinam as epidemias ou pestes — isto é, propagam-se rapidamente de individuo a individuo, a ponto de haver muitos doentes ao mesmo tempo.

São as doenças que fazem baixar muitos soldados, quando a Patria precisa delles na linha de fogo.

E o que é mais importante é que elles não são inevitáveis; com cuidados e vigilancia pôde-se impedir que elles apareçam.

Os germens, esses pequenos, minuscúlos animaes e plantas vivos, — apresentam certas particularidades e, tal qual os animaes e plantas maiores, vivem e se desenvolvem sob diferentes circunstancias.

O ursa polar e o musgo dos gelos, por exemplo, vivem sómente nas regiões árticas; as palmeiras e os jacarés se encontram somente nos tropicos.

O lyrio d'agua sómente cresce na agua, ao passo que o cardo vive no deserto resequido.

Da mesma forma, os germens (os pequenos animaes e plantas que causam as doenças) preferem certas partes do corpo para se desenvolver.

E assim como certos terrenos são impróprios para nelles crescerem certas plantas, assim algumas pessoas não offerecem terreno favorável ao desenvolvimento de certos germens e, por consequencia, nessas pessoas a doença se pode manifestar sob uma forma muito benigna ou nem se manifestar, ao passo que em outras pessoas a doença se manifesta sob uma forma muito grave.

Importa muito saber isso, pois se fica sabendo que é preciso evitar as pessoas que estão apenas ligeiramente doentes, que nos podem transmittir germens que em nós se desenvolverão, talvez, com facilidade, fazendo-nos cair doentes, e nos levando, até á morte.

Uma outra particularidade dos germens deve ser sabida.

Assim como se pôde viver sem perigo com um ursa domesticado, acostumado comnosco, mas que morde os estranhos, assim tambem muitos individuos vivem perfeitamente bem tendo dentro do corpo germens que, transmittidos a outras pessoas, iriam causar-lhes doenças. Esses individuos são — portadores de germens e frequentemente acontece viverem sem desparar suspeitas, espalhando, entretanto, a doença entre aquelles que encontram.

Nem todos germens, porém, causam doenças; sómente aquelles que produzem um veneno (chamado «toxina») nos põem doentes.

Quando um germen não produz uma toxina (veneno), é inoffensivo. Ha muitos germens, desses inoffensivos, que vivem no nosso corpo, alguns até que nos são uteis.

A doença é effectivamente produzida por uma lucta entre um germen e o seu veneno (toxina), de um lado, e o corpo, do outro. Se o corpo é mais forte que o veneno, o individuo sahe-se bem. Se o veneno é mais forte que o corpo, o individuo morre.

Não é raro que diferentes especies de germens produzam signaes de doença parecidos (symptomas). Por isso, pelos symptomas pode parecer que se tem uma certa doença quando, na verdade, se está atacado de uma outra. Por ahi se vê o perigo de nos tratarmos a nós mesmos, fazendo uso de preparados, e a probabilidade de fazermos mal a nós mesmos. Quando um soldado não se sente bem, deve procurar o medico que lhe dará uma receita. Elle que veja de que se trata. Para isso é que elle é destinado.

Não se pense que é mais bonito não figurar na relação dos doentes, quando se está passando mal. Isso seria uma tolice e não prova de resistencia. A doença se poderia transmittir a toda a companhia.

Muitas vezes é assim que uma epidemia se espalha pela tropa. Deve-se considerar um dever militar affastar-se dos doentes e se alguma praça da companhia se queixar de dôr de cabeça, arrepios, inflamação da garganta ou resfriamento, deve-se leval-o imediatamente ao medico. Muitas vezes as piores doenças começam com pequenas perturbações.

Um soldado doente, principalmente em campanha, deve estar no hospital onde pôde ser cuidado e onde não está transmittindo a sua doença a outros.

Lembrem-se todos que cada soldado deve ser uma sentinella sanitaria sempre alerta ás doenças, tanto proprias como da sua esquadra, companhia ou regimento.

Quando se está de serviço como sentinella e se vê qualquer novidade, chama-se o cabo da guarda imediatamente e da-se-lhe parte. Da mesma forma, como sentinella sanitaria, quando se vê qualquer cousa que attente contra a saude, trata-se de corrigil-a imediatamente ou da-se parte a quem pôde corrigil-a.

Um exercito é como um *team* de *foot-ball*. E' organizado, equipado e trenado para vencer.

Mas não ha victoria se uma parte dos jogadores estão doentes.

Ninguem veio para o exercito para estar doente quando a Patria precisa de quem vá para o combate. Lembrem-se todos disto.

(Continua)

## A crise dos quadros

### A instrucção das S. T. G.

Difficil será remediar em curto prazo a crise que, a principio de officiaes, agora se torna tambem de sargentos e cabos.

A primeira foi magistralmente tratada em artigo editorial d'«A Defeza Nacional» de abril, e nada se lhe pôde accrescentar.

A segunda, a de sargentos, teve duas causas, a dispersão destes para instructores de linhas de tiro e o aumento do numero de unidades com effectivo.

Não é razoavel distrahil-los de sua verdadeira funcção na fileira, onde agem sob as vistas de seus chefes, para fazelos autonomos instructores de sociedades de tiro, as quaes infelizmente na sua grande maioria nada mais representam que uma grotesca palhaçada militar com aspecto diverso, conforme sejam de centros populosos ou de pequeninos logarejos perdidos nas brenhas.

Nas primeiras ensina-se aos jovens mais ou menos elegantes a fazer *meia-volta em marcha*, a marchar bem alinhados com o peito saliente e o olhar altivo fixo nas moçoilas que, embevecidas, admiram o *porte CORAJOSO* dos *abnegados moços* que, desta forma, se vão furtando ao serviço militar, abrigados á sombra de *caderetas de reservista* distribuidos os macheiras por benevolas commissões examinadoras, geralmente accessíveis ao *pistolão* ou então dotadas de *almas generosas*.

Tive, não sei si a dita ou desdita, de fazer parte da commissão que *devia dal-as* a 30 moços pertencentes ao Tiro de Guerra n.º 1 do Rio Grande.

Com verdadeiro espanto, verificámos que os examinandos de coisas de infantaria, sabiam apenas, e isto mesmo bem mal, *voltas a pé firme* e o manejo do fuzil (sómente do n.º 55 ao 60 do R. E. I.); quanto a *arrumar nas costas uma mochila já preparada, a armar uma barraca, e utilizar-se do terreno, a preparar um abrigo durante o combate*, até mesmo quanto ao logar em que deveriam conduzir o instrumento de sapa que se lhes entregava e etc.; eram coisas para elles, tão transcedentes, que julgavam ser manifesta má vontade da banca em lh'as perguntar.

O resultado não se fez esperar, houve

28 (1) reprovados; os dous aprovados apenas o foram, porque ignoravam menos que os outros, e se os deixou passar afim de não parecer que havia deliberado intento de inhabilitar-los.

Ora, si no Tiro n.º 1, de uma cidade importante, constantemente impulsionado pela vontade inquebrantavel do fundador de tal instituição, o cidadão Antonio Carlos Lopes, dá-se semelhante cousa, o que não acontecerá com os demais? ! ! ..

Creio que haja alguma sociedade onde se façam reservistas capazes, mas permitta-me dizer o que não n'a conheço e posso até asseverar que, algumas de grande nomeada, cifram-se em andar com sua gente pelas ruas rufando tambores e tocando cornetas, fazendo muitas vezes, com seu alvoroço, despertar o misero burguez que ia a conciliar o sonno depois de um dia inteiro de trabalho.

No que os moços da sociedade de tiro são realmente capazes, é em *nomenclatura*; conhecem geralmente o mais insignificante parafusinho mas são, na grande maioria incapazes de se servirem de sua arma.

O odio ás espectaculosidades, tão ao sabor de nossa gente, ia-me desviando de meu principal propósito.

Quasi sempre ao ser pedida aos corpos a designação de sargentos para instructores de linhas de tiro, logo apressam-se os comandantes em descartar-se das maiores nullidades que possuem, mesmo porque devem ser nomeados os agregados, os quaes commumente são os menos capazes.

Sargentos de todas as armas, na sua maioria preguiçosos e velhos, incapazes de serem instructores sob as vistas de um official foram nomeados para educar militarmente nos tiros, percebendo forte gratificação especial, que os coloca em posição material bem superior a de seus collegas que ficaram a labutar na lide extenuante da caserna.

Quando houve o aumento de unidades, já as existentes estavam com seus sargentos estrictamente necessarios; tendo que contribuir com alguns delles para as novas formações viram-se desfalcados de varios.

Em meu grupo existem ao todo seis vagas de sargentos.

(1) Obtiveram que fosse anullado o exame allegando que «não tinham tido tempo para se preparar de acordo com as exigencias do novo regulamento». Uma commissão mais benevolente aprovou-os a quasi todos.

## Como prehencel-as?

Para isto inscreveram-se oito candidatos, mas é provável que não cheguem para prehencel os claros, pois tem-se observado que mais de 50% dos candidatos são reprovados. <sup>(2)</sup>

**Crise de Cabos** — O seu principal motivo determinante foi haver o governo, mandado dar baixa aos homens que já tivessem um anno de praça, de modo que não ficaram soldados prompts para serem promovidos, pois que, para tal acesso deve o candidato ter instrução até ao exame de bateria, como preceitua o R. I. S. G., e ser aprovado em concurso.

Entre nós existem, ao todo, quatorze vagas de cabos que sommadas com as seis de sargento, dão nada mais, nada menos que vinte vagas de graduados em um grupo de duas baterias.

Imagine-se o embaraço que isto traz à instrução, maximamente quando todos os nossos soldados são recrutas e quasi todos de origem alemã, ignorantes por completo do portuguez.

Os instructores em minha bateria somos: o commandante interino (que é um subalterno da outra), eu, um segundo sargento, e um terceiro que ao mesmo tempo desempenha a função de intendente e seis cabos dos quais um desempenha a função de sargento do material bellico e outro as de intendente.

Faltam-nos na bateria o capitão que está commandando o grupo, o 2.º tenente que não existe, o 1.º sargento que desempenha as funções de sargento-ajudante, enquanto este exerce as de tenente intendente; dous segundos sargentos, um dos quais está na enfermaria e outro em diligencia, tres terceiros sargentos e quatro cabos, cujas vagas estão abertas.

Na outra bateria faltam: os dous subalternos, dous terceiros sargentos e sete cabos.

Os conscriptos que nos tocaram são de municípios rurais de modo que o analfabetismo predomina.

Dos que até agora foram incluídos 91 são totalmente analfabetos, 39 lograram estudar o segundo-livro, 11 obtiveram ser matriculados na turma menos adiantada da segunda série (leitura, dictado e problemas), e sómente três voluntários e um sorteado ficaram na turma mais adiantada

<sup>(2)</sup> Foram aprovados 3, de modo que ainda ficaram 3 vagas, que são de dous 3.ºs sargentos artilheiros e um clarim.

da segunda série (portuguez, arithmetic e geographia).

Em qualquer exercito é bem difícil que se possa fazer um artilheiro em um anno; como pois fazel-o no nosso? <sup>(3)</sup>

Aqui no 5.º grupo de obuzes, varios são os factores que a isto, se oppõem — 1.º — numero deficiente de instructores (officiaes, sargentos e cabos), 2.º — falta da cavallos e material e 3.º — analphabetismo, ignorancia do portuguez e matutismo.

Si o governo persistir em 1918 no proposito de restringir o tempo de serviço a um anno, chegaremos a ficar sem cabos, pois os actuaes, em sua quasi totalidade, uns por vontade propria e outros por força da lei em vigor, deixarão a fileira logo que se conclua seu tempo de serviço, o que será a 31 de Dezembro do corrente anno.

Isto importa em affirmar que, dada esta hypothese, a crise de cabos será maior que a actual, o que naturalmente acontecerá aos sargentos pela falta de materia prima, resultando dahi, que a instrução será mais imperfeita que a actual em virtude da menor quantidade de instructores.

A diminuição do tempo de serviço para um anno accarreta dous gravíssimos inconvenientes: — crise de graduados, que irá se agravando de anno para anno e insufficiencia de instrução para os homens dispensados, que irão, dest'arte constituindo uma reserva de pouca efficiencia militar.

Sómente no segundo anno de praça é possível iniciar o soldado em certos detalhes de instrução.

Como pois fazel-o em um só, com as aggravantes de serem todos recrutas e insufficiente para tudo attender o numero de instructores?

Problema, a meu ver, insolvel.

Ha necessidade de que, em cada anno fiquem para o seguinte praças cujo numero seja no mínimo o de 1/3 do effectivo de paz.

Seria um incentivo para os sorteados si o governo determinasse que, respeitado aquele limite, se desse baixa aos demais que o quizessem e que, perante uma com-

<sup>(3)</sup> N. da R.: Dada a separação regulamentar das funções (conductores, artilheiros, apontadores) é perfeitamente possível o preparo em um anno. Naturalmente não pôde ser se o anno, com a insuportável anarchia reinante, na incorporação se reduz a sete mezes.

missão de officiaes do corpo, revelasse completo conhecimento da instrucção.

Ha entre nós um conscripto de origem alema que se obstina em não apprender o portuguez; mas, estou convicto que si elle tivesse certeza de ser dispensado no fim do anno nas condições citadas (considero fazendo parte da instrucção, fallar a lingua patria, lêr, escrever e contar) e de passar dous no caso contrario, que esforçar-se-ia para fallar o idioma nacional.

E 'preciso que não tenhamos a preocupação de fazer reservas numerosas a custa do sacrificio de efficiencia das mesmas.

1º Tenente Luiz Correia Lima.

## A segunda parte do R. E. I.

*Commentários aos seus principais artigos como subsidio ao estudo dessa parte do R. E. I., a mais importante e a menos explorada.*

### I

#### O COMBATE

##### INTRODUÇÃO

227. As formações e os principios estabelecidos no regulamento correspondem a situações tacticas, simples, que são a regra geral na guerra.

Ha, porém, casos para os quaes não bastam as indicações geraes. Os chefes devem, portanto, estar habilitados a tomar rapidamente e sem hesitação disposições apropriadas a cada situação em que se encontrem.

1) Para haver real e portanto util applicação do texto do regulamento é preciso pois que os exercícios propostos (themas) sejam simples, consoantes á regra geral na guerra, isto é, sejam verosímeis (vide art.º 285).

2) Está em jogo o espirito de decisão dos chefes. Esta qualidade imprescindivel a qualquer chefe, superior ou subordinado, depende da facilidade em apprehender a situação tactica. Só se adquire flexibilidade de apprehensão e decisão tacticas com o estudo de themes na carta e do jogo da guerra. Aquelle permitte n'um minimo de tempo um maximo de contactos com situações tacticas diversas, além da vantagem de se manusear com reflexão e calma os regulamentos; este ultimo applica os conhecimentos de tactica regulamentar conseguidos nos themes na carta, exigindo uma resolução prompta. Complementarmente é conveniente se abordar os exercícios de quadros que além da carta e da resolução proposta entra com o ter-

reno como factor quasi sempre preponderante.

Depois d'essa preparação é que podem dar francos resultados os exercícios com a tropa.

Aliás todos esses ramos da criação do espirito de decisão nos chefes de qualquer categoria se interpenetram podendo ser praticados simultaneamente.

278. Em todo o decurso da instrucção deve-se procurar desenvolver a *iniciativa* dos chefes e a do atirador isolado.

Os exercícios de combate approximam-se ào tanto mais da realidade, quanto mais ás tropas que se exercitam se oppuzer um *inimigo* que opere em condições analogas ás da guerra. São, portanto os exercícios de dupla ação — tropa contra tropa — os mais instructivos.

1) São perniciosos os exercícios que só aproveitem aos chefes ou só aos soldados. Todo exercicio deve interessar o aperfeiçoamento de ambos, embora, de cada vez, incida mais sobre aquelles ou sobre estes. E' o caso dos themes na carta. Nos *corpos de tropa* não se deve crear themes para subalternos e themes para coroneis. Ambos deverão resolver themes de destacamento: destes se exigirá mais no que diz ás ordens, d'aquelle o que respeita aos detalhes da execução. Embora seja essa ideia inteiramente pessoal, creio que, proceder em contrário, é aprisionar os chefes, superiores ou subalternos, no âmbito estreito das suas funções, o que será de más consequencias.

279. Nos exercícios de pequenas unidades empregam-se *árbitros*, que substituem com suas decisões as impressões e as influencias que no campo de batalha actuam sobre a efficacia dos fogos e que não existem no tempo de paz; deste modo elles contribuem para o desenvolvimento da iniciativa dos chefes subordinados e para que os exercícios se assemelhem mais ao que se passa na guerra.

1) Nesse caso tudo dependerá da capacidade e habilidade dos arbitros empregados. Ser director de exercicio é evitar situações inverosímeis, inspirar confiança aos que se dirige e só fazer critica apoiada nos textos regulamentares, para que suas imperfeições *pessoas* fiquem ao abrigo de quæsquer duvidas.

280: Os exercícios do tempo de paz não se podem desenvolver de modo tão lento como os combates reaes. A exagerada rapidez dos exercícios dá logo a uma tactica do tempo de paz, que não corresponde ás exigencias reaes do combate. O director do exercicio e os arbitros devem, por isso, agir quando fôr necessário, para que os exercícios tenham a demora conveniente.

1) Para diminuir este inconveniente dos

exercícios do tempo de paz o melhor é não fazer exercícios que imponham todo o desenrolar de uma acção e sim que exijam a resolução de segmentos de uma situação tática, de aspectos ou em linguagem mais justa de phases de combate.

281. E' necessário contrariar a tendência de se empregar processos que não estão de acordo com as condições da guerra, afim de obter um bom resultado no desenvolvimento do combate. Quanto mais contra-tempos surgirem, tanto mais se aprenderá e mais se poderá reconhecer e avaliar a acção resultante da iniciativa dos chefes.

*E' proibido o exercicio de fórmulas de combate consideradas como modelos.*

1) E' preciso evitar a tendência para a guerrilha que muito facilmente se surpreende entre os que querem resolver themes empiricamente. Para alcançá-lo basta preceder os exercícios do estudo dos artigos que mais directamente o interessam e depois exigir a justificação das decisões por citações regulamentares.

2) Isto porque a primeira desillusão no combate seria a nenhuma applicação dos modelos, tornados imprestáveis pelo imprevisto e pela incerteza que são a regra geral na guerra.

282. A execução dos exercícios será conforme à guerra quando a escolha das formações for acertada, bem se aproveitando os acidentes do terreno. O que se deve tratar de obter é a *maxima efficacia para os proprios fogos, reduzindo o mais possível a dos fogos inimigos.*

1) Para tirar todo o partido dessa prescrição não ha como só se realizar phases de combate, e não o combate desde os primeiros contactos até ao assalto e prohibir o uso desmedido do festim cujo tiroteio anarchisa os melhores exercícios encobrindo os erros e impedindo que se tire o maximo proveito dos acertos.

284. Nos exercícios do tempo de paz todos os chefes devem dar suas ordens do lugar e na posição do corpo que tomariam num caso real. Isto se aplica igualmente aos chefes montados. O director do exercicio poderá deixar de cumprir esta prescrição e permitil-o também aos de-mais chefes, quando isso se tornar necessário á instrucção da tropa.

1) Não cumprir este artigo é um pessimo procedimento, aliás inveterado entre nós. Quando não ha o habito de *dar e receber* ordens no lugar e na posição de corpo que a realidade exige, ha todas as possibilidades de insucesso quando se o exigir.

285. Os principios para o emprego da infantria no combate devem ser ensinados, supondo situações táticas simples.

O exercicio mais util é o de combate da tropa enquadradada. E' o caso mais frequente na

guerra e exige maior habilidade no aproveitamento do terreno.

1) E' justamente o que menos exercitamos com as nossas unidades. Quasi sempre se justifica este erro dizendo que as unidades se instruem isoladamente.

Entretanto nada mais simples do que, mesmo com unidades isoladas, realizar exercicio de tropa enquadrada «o exercicio mais util». Basta que se representem as tropas dos flancos por bandeirolas.

Inegavelmente o exercicio da tropa enquadrada é o mais util não só por que representa a situação mais geral do combate como tambem cada unidade, sub-unidade e até cada homem, tem que se conformar á natureza tactico-topographic do seu sector e d'ella tirar todo o rendimento.

289. O *emprego da ferramenta de sapa* deve ser ensinado o mais cedo possível. Quando perto da guarnição não houver lugar em que se possa trabalhar com a pá, deve-se aproveitar a estada nos campos de manobras para fazer esse exercicio.

A execução, em silencio, de trabalhos de sapa durante a noite é difícil e requer exercicio.

Quando considerações do tempo de paz não permittirem a execução dos trabalhos de fortificação que a situação tática exige, é preciso, pelo menos, tomar as disposições preparatorias e as signalizar as obras no terreno.

1) Geralmente se quer succeder os ramos da instrucção dos recrutas pela respectiva complicação crescente que eiles apparentam. Nem sempre isto é applicavel. No caso vertente por exemplo pôde-se levar ao emprego da ferramenta homens que ainda não saibam o manejo d'arma. Demais: «desde o começo atacar-se-hão, simultaneamente, todos os ramos da instrucção» (R. I. S. G. pag. 48).

2) E' claro que assim o prejuizo não será total. Pelo menos os officiaes aproveitarão, por isso que elegerão as posições, escolherão as obras, podendo conforme os casos ainda prelecccionarem aos sargentos e graduados sobre o campo de tiro e, afferimento do terreno e as vantagens e desvantagens das posições e das obras.

290. Nas inspecções, é o superior que vai proceder ao exame quem propõe o thema; elle examina a instrucção tática da tropa, *especialmente a dos chefes*, verifica se os subalternos sabem dirigir correctamente o fogo e se os atiradores, quando lhes falte esta direcção, sabem agir com intelligencia.

1) Nada mais simples. Basta que o superior monte, traga e utilize o binocolo e se faça acompanhar por officiaes ás ordens (auxiliares) tambem montados e dispondo de binoculos, regulamentos e cadernetas para registros de ordens, informações,

partes, etc. Convém que os relogios estejam certos pelo chefe que inspecciona (director).

(Continúa)

Tenente *Mario Travassos.*

## Indicações para a critica em exercícios de artilharia <sup>(1)</sup>

(Traducção)

Pela novidade e importancia desse assunto para o exercito turco talvez seja bem recebida a indicação de alguns pontos de reparo em que deve fixar as vias o superior que inspecciona o exercicio e que o orientem sobre a marcha da critica.

Para o seguimento dos diversos pontos a abordar na critica o R. E. A. dá a necessaria base. Diz o seu n.º 4: <sup>(2)</sup>

«O fogo da artilharia de campanha deve abrir o caminho da victoria. Por isso, o principal para ella é (1) atirar bem, (2) a tempo, (3) da posição apropriada, (4) contra o objectivo conveniente.»

Com certeza não é sem proposito que o R. cita em primeiro lugar o atirar bem. Pois, por mais importante e *absolutamente-necessario* que seja para a artilharia de campanha o senso tactico, ella é antes que tudo artilharia, isto é, destinada a atirar.

Eu desejaria fazer a critica estender-se sobre esses quatro pontos. E' bem de vêr que nem sempre poderão ser contemplados todos elles. Toda esta exposição tem por fim apenas orientar o cdte. de brigada ou o de divisão, acaso sahido de outra arma <sup>(\*)</sup> sobre os pontos a observar numa inspecção de artilharia e a maneira pela qual elle possa criticar de modo instructivo e estimulante aquillo que tenha notado. Permitir-me-ia desde já observar que a critica deve evitar todo rigor pessoal e que é uma das mais distintas funcções do chefe

<sup>(1)</sup> Escrito em 1912 pelo general Imhoff a pedido de uma revista militar turca.

<sup>(2)</sup> Do R. E. A. brasileiro.

<sup>(\*)</sup> N. da R. Temos ahi uma questão que ainda não houve tempo ou ensejo de chamar attenção entre nós, pois nella não estamos em dia com a remodelação do exercito: creamos as brigadas como unidades de arma entretanto continuamos a fazer generaes para essas unidades sem consideração á procedencia por armas. Um ligeiro exame dos nossos quadros mostra que a attender, como se deve, á proporcionalidade, resultaria entre nós para cada arma um brigadeiro para cem officiaes: 10 da inf., 4 da cav., 5 da art., 2 da eng.

agir estimulando, desenvolver o gosto pelo serviço, aumentar a coragem pela responsabilidade. Como sejam muitos os caminhos que levam a Roma e toda critica seja pecuñiar ao caso, não se deve tomar este trabalho como um schema.

### I. O atirar bem

1) *Os resultados e o processo de tiro* no tiro real são examinados no quadro negro. A critica deve ser estimulante, detalhada e instructiva, não deve fatigar; por isso num regimento de seis baterias deve não exceder de uma hora. A arte está em fazer uma boa critica, breve. Todos os detalhes de cada bateria devem ser deixados de parte, excepto erros graves ou frequentes. Estudar os art. 120 a 128 do Compl. do R. T. A. <sup>(3)</sup>

Pontos principaes no tiro de combate:

a) Foi desempenhada a missão?

b) Caso afirmativo, o foi pelo caminho mais simples?

c) Caso contrario, causas ao insucesso, indicar como poderiam ter sido evitadas.

d) Julgamento da efficacia, levando em conta objectivo, tempo gasto, munição empregada, duração do tiro de efficacia e repartição do fogo por todo o objectivo.

e) Examinar minuciosamente as provindencias dos cdtes. do grupo e do regimento.

2. *A conducta do cdte. da bateria.* — Elle deve dirigir o fogo de sua bateria do seu observatorio, semelhantemente como um capitão de navio manda suas ordens abaixos do convéz. Considerar sua calma e seu procedimento adequado.

O serviço das peças (emprego technico da arma) por effeito de muito exercicio deve estar tão na massa do sangue que todas as operações se façam como actos reflexos; ao passo que o emprego tactico demanda a constante applicação de julgamento e decisão. E' preciso por isso que o cdte. não tenha que se preocupar com detalhes.

### 3. *A conducta da guarnição.* <sup>(4)</sup>

a) A calma, o silencio na bateria são o melhor signal da sua disciplina real.

b) O desenfiamento das peças, dos serventes e dos cdtes. de secção. Maxima atenção por não se descobrir ninguem. Os

<sup>(3)</sup> N. do T.: Sabemos que ainda recentemente um capitão da arma fazia críticas de assombrar. Verificou-se que elle ignorava quaes o R. T. A. e seu compl. em vigor!!!

<sup>(4)</sup> Compl. do R. T. A. 47.

trabalhos de sapa, o enchimento dos saccos de aterro não deve ser sómente simulados.

c) Conducta por occasião de baixas e reparações no material. <sup>(5)</sup> Apezar da perda de serventes etc. — que sempre deve ser simulada á indicação de um official do estado maior da autoridade que inspecciona — não deve haver perturbação na actividade de fogo. E' preciso que se obtenha aqui, como aliás em todo serviço militar, o trabalho harmonico em vez do trabalho de «tarefeiros». Releer R. E. A. 461 a 463 <sup>(6)</sup>

d) Conducta das guarnições para um fogo de surpreza, tiro contra objectivo instantaneo, contra atiradores que avançam por lances, contra carga de cavallaria (atender ás diversas vagas), para remuniciamento.

e) Exame da acuidade visual e attenção dos apontadores em posição descoberta.

4. *Transmissão das ordens.* — Examinar o funcionamento da ligação telephonica e dos signaleiros <sup>(7)</sup> (atribuir a um official), se os commandos <sup>(8)</sup> não são dados em voz alta demais (com o favor do vento o inimigo poderá ouvirl-os a 3 km), porém bastante alta para que o cdte. da bateria ou o da linha de fogo possa fiscalisar sua recepção.

5. Se nos exercícios tacticos ou em manobras cessou o fogo desde que o inimigo chegou a 100 m. <sup>(9)</sup>

6. Apresenta-se a questão de saber se o cdte. da brigada e o da divisão devem cuidar dos detalhes da technica do tiro (instalação da luneta de bateria, processo de pontaria, etc.) Não devem. Importam-lhes as vistas geraes, isto é, o conhecimento das directivas para o emprego tactico, a escolha da peça (canhão ou obuz), do projectil, etc. Os detalhes são resolvidos no ambito do regimento. Mas o general pôde designar um official do seu estado maior ou um outro official de artilharia para observar aquellas questões, especialmente examinar se uma bateria coberta está bem orientada e se não encrística.

## II O atirar a tempo

Conforme as circumstancias a critica deve examinar os seguintes pontos:

<sup>(5)</sup> Id. 97.

<sup>(6)</sup> Suprimento de pessoal e material.

<sup>(7)</sup> Compl. R. T. A. 49.

<sup>(8)</sup> Compl. R. T. A. 55.

<sup>(9)</sup> R. M. E. brasileiro 122.

— A conducta do cdte. correspondeu á situação de guerra?

— O avanço das baterias para tomarem posição foi realizado como devia?

O art. 452 do R. E. A. é o que dispõe sobre as andaduras na ocupação da posição.

Se necessário avançar na carreira para a posição, mas ocupal-a ao passo (desenvolvimento de poeira).

— A artilharia satisfez a sua missão capital (apoio da infanteria)? Examinar isso especialmente nos combates de desfiladeiro e combates de encontro da vanguarda; a vanguarda deve atacar firme, não vacilar.

— Assignalar a coragem do chefe em assumir responsabilidade (R. E. A. 420).

— O reconhecimento do inimigo e da posição teve lugar a tempo? E' preciso dispôr de tempo necessário. (R. E. A. 429).

— Era indicado um assalto a fogo?

— A artilharia do grosso foi lançada a tempo e com unidade, ou havia cabimento para uma reserva de artilharia?

— Devia haver prudencia no rompimento do fogo, pois que o inimigo estava adiantado na promptidão para o combate?

— Foi ordenada a tempo de accordo com a situação do combate a necessaria mudança de posição, e foi executada a tempo?

— Nada de precipitação no ataque, nem tambem do erro contrario. — Determinar pelo relogio o tempo gasto na approximação, no reconhecimento e na mudança de posição, e examinar se foi excedida a medida aceitável, como no jogo da guerra.

Aproveitar exemplos historicos para comparações.

(Continua)

## PROJECTO de regulamento para os serviço do exercito em campanha (R. S. C.)

### INTRODUCÇÃO

1 — A instrucção da tropa na paz deve-se regular pelas exigencias da guerra.

2 — Ao par da educação physica e da instrucção militar o valôr do soldado na guerra depende de sua força moral e da sua capacidade intellectual. A educação do soldado tem por objectivo desenvolver essa força e essa capacidade.

3 — Os esforços do soldado só são completa-

mente aproveitados quando dirigidos segundo a vontade do chefe. Para isso alcançar, a tropa precisa disciplina, que constitue o alicerce do exercito e é a base da victoria; a disciplina deve ser estabelecida e conservada, com energia, em todas as situações. A cohesão da tropa, quando superficial e não baseada num longo trabalho em tempo de paz, rompe-se nas ocasiões difíceis e só a impressão de acontecimentos inesperados.

4 — O oficial é, em todos os sentidos, ao mesmo tempo chefe e educador. Isso exige delle superioridade em saber e experiência, tanto quanto rectidão moral e integridade de carácter.

Sem temer a responsabilidade, em qualquer situação, — mesmo a mais extraordinaria, — o oficial deve pôr em ação toda a sua personalidade. Cumpre aos superiores estimular essa coragem.

5 — A conducta pessoal do oficial tem uma influencia decisiva sobre a tropa, pois o subordinado reflecte o sangue frio e a decisão de quem está á sua frente. Não basta que se ordene, nem que a ordem esteja certa; ás vezes, é muito mais importante a maneira como se ordena. A attitude e o exemplo amadurecem a confiança, esse poderoso esteio da disciplina no perigo e nas provações, e arrastam a tropa a feitos heroicos, sem olhar a sacrifícios.

6 — Um incansável cuidado pelo bem estar de seus homens é o bello e grato apanágio do oficial. Todos os chefes devem agir de modo a conservar em seus commandados o gosto pelo serviço; este é o melhor penhor do trabalho eficaz.

7 — Para o desempenho de sua missão, variada e cheia de responsabilidade, precisa o oficial dum meticuloso preparo. Embora este preparo dependa em grande parte de seus chefes, exige no entanto, e antes que tudo, um ininterrupto trabalho pessoal para o aperfeiçoamento de cada um.

8 — A gymnastica, a equitação e o tiro devem constituir o objecto de exercícios constantes por parte dos officiaes. E' também de utilidade saber andar de bicycleta e motocyclo.

A pericia do oficial como cavalleiro deve ser desenvolvida pelos chefes, a todo transe, mesmo fóra do serviço (caçadas a cavalo); é preciso dar uma importância especial á equitação em terreno variado. Quanto aos officiaes de armas a pé, devem os chefes providenciar para que elles façam também exercícios de equitação.

9 — E' essencial que os officiaes, — especialmente os de cavallaria, — aprendam a se orientar em terreno desconhecido, mesmo á noite.

10 — Ao oficial de cavallaria, são indispensáveis exercícios methodicos visando o desempenho das missões peculiares ás patrulhas; sâo-lhe igualmente necessários exercícios de passagem de cursos d'água, e de interrupção e destruição de linhas ferreas e telegraphicais. Deve elle, ainda, estar familiarizado com os recursos technicos de comunicações.

11 — A instrução tactica dos officiaes compete em primeira linha aos commandantes de corpos. Para isso dispõem elles de varios meios.

12 — Quanto á instrução practica, deve-se dar preferencia aos exercícios em que se proponha ao oficial uma determinada missão. Assim o oficial se aperfeiçoa no commando da tropa, aguça

o seu senso tactico e tem ensejo de pôr em prática resoluções e ações de sua iniciativa.

13 — Para aprofundar os conhecimentos táticos e desenvolver a cultura militar do oficial, empregam-se os seguintes meios: temas táticos escriptos, jogo da guerra, theses a desenvolver por escripto, conferencias, e exercícios de quadros a cavalo.

Os themes táticos escriptos e o jogo da guerra proporcionam ensejo á tomada de resoluções em face de casos concretos e á transformação rapida dessas resoluções em ordens; além disso, dão lugar ao criterioso estudo dos regulamentos e dos principios táticos. Para dirigir esses exercícios, devem ser escolhidos officiaes capazes, independentemente de seu grão na hierarchia.

As theses escriptas têm por objecto induzir o oficial a estudos scientificos serios, de natureza militar. E' preciso que os assumptos sejam escolhidos de acordo com a capacidade do oficial. Elles não devem ter um carácter muito geral, e sim encerrar questões precisas, sobre os quais o oficial tenha que emitir um juizo proprio.

As conferencias nos corpos de tropa e em associações militares estimulam e ilustram, quer abordem episódios de guerra ou questões militares, quer estudem preceitos dos regulamentos. Especialmente quando são ditas sem lér, ellas desenvolvem a capacidade de expressão, tornando-a clara e precisa. E' conveniente facilitar, em seguida ás conferencias, uma troca de opiniões, de modo que o maior numero possível de officiaes manifeste suas idéas a respeito.

14 — Os exercícios de quadros a cavalo e as preleções táticas no terreno, realizados uns, e outros pelos commandantes juntamente com seus officiaes, o quanto possível em terreno desconhecido, são especialmente apropriados a dilatar os horizontes da officialidade, aumentando-lhe o desembarço no julgamento do terreno e na leitura das cartas.

As viagens de instrução feitas por turmas de officiaes de todas as armas consolidam os conhecimentos táticos quanto ao emprego das unidades mistas.

As viagens de estado maior e as de cavallaria destinam-se especialmente á prática dos exercícios que visam as grandes operações de guerra.

15 — O estudo da historia militar firma no oficial criterio profissional, habilitando-o a discernir o que é realmente conforme á guerra do que só se verifica no tempo de paz.

16 — O oficial deve conhecer perfeitamente a ordem de batalha e as formações para os movimentos e o combate tanto do exercito nacional como dos países vizinhos. Essa necessidade é mais accentuada no oficial de cavallaria que pôde encontrar-se em situações — no serviço de exploração — em que terá de julgar operações militares de grande vulto.

O conhecimento de linguas estrangeiras é um instrumento precioso para o aperfeiçoamento do oficial. E' útil, também, conhecer o alfabeto Morse.

Deve-se cultivar no oficial, por frequentes exercícios, a habilidade na execução rápida de esboços topographicos e panoramicos.

17 — Na instrução dos officiaes da reserva deve ter decisiva preponderancia o que encontra immediata applicação na guerra. Os commandantes de corpos da activa, a que elles pertencem são

responsaveis por sua perfeita preparação como officiaes de tropa, devendo para isso empregarem todos os meios de que possam dispôr.

18 — A instrucção dos sargentos requer um especial cuidado. Ella deve basear-se nas exigencias peculiares á função dos sargentos na guerra. Guardada a devida proporção, applicam-se os mesmos principios que regulam a instrucção dos officiaes.

E' uma absoluta necessidade a formação de sargentos de reserva, competentes e em numero suficiente; deve-se escolher desde cedo as praças capazes de serem preparadas para esse fim.

19 — Em qualquer ramo da instrucção começa-se sempre pelo ensino individual. Só a perfeita instrucção de cada homem conduz á efficaz collaboração de todos.

20 — Os exercícios de natação e de toda a especie de gymnastica desenvolvem a força physica e a destreza do soldado, bem como a sua intrepidez em qualquer situação. O habil manejo das armas e, no cavalleiro, o perfeito domínio do cavalo, são condições essenciais ao bom exito na lucta, augmentando a confiança do homem em si mesmo.

21 — Paralelamente á instrucção pratica marca o ensino theorico, que deve merecer uma grande attenção; elle precisa ser sempre adaptado ao grao de desenvolvimento intellectual do soldado e revestir uma forma concreta, despertando-lhe todo o interesse. Nessa parte da instrucção aprende o superior a conhecer mais de perto os seus homens, ganhando-lhes a confiança e, com ella, a possibilidade de influenciar tambem o seu caracter e as suas ideas geraes.

22 — A' instrucção individual segue-se a de conjunto. A instrucção da companhia, esquadro e bateria constitue o fundamento de todo o rendimento da tropa, desenvolvendo-se gradativamente até aos exercícios das grandes unidades e de armas combinadas, cujo coroamento na paz são as manobras. A instrucção não cessa nem mesmo durante a guerra; devendo ser continuada sobretudo durante as pausas das operações.

23 — E' preciso ter em vista nos exercícios o gradual augmento da extensão das marchas. A carga do homem e do cavalo deverá ir crescendo até alcançar o peso completo de guerra. Os officiaes e os sargentos precisam conhecer os esforços que se podem exigir do homem e do cavalo com suas cargas completas. Se as condições locaes por si mesmo não determinarem frequentes marchas, é indispensavel fazer exercícios especiaes dessa natureza; podem-se combinar os exercícios de marcha com outros que vissem diferentes objectivos.

Quando o infante passar para a reserva, é preciso que leve a convicção de que está na altura das exigencias de marcha duma guerra.

24 — Os exercícios formaes da ordem unida constituem uma escola de disciplina e solida cohesão da tropa, qualidades que devem agir no homem como uma segunda natureza. A firmeza, desenvolvida durante a instrucção individual e os exercícios formaes, deve ser conservada nos exercícios das grandes unidades, até mesmo no serviço em campanha.

A attitude e o aspecto exterior da soldatesca, depois de penosos exercícios, dão uma segura medida para o julgamento da tropa.

25 — Igual importancia deve merecer a educação dos homens para pensar e agir com autonomia. Essa autonomia e a fidelidade ao cumprimento do dever garantem-lhe uma conducta conveniente, mesmo quando não esteja sob as vistas do superior.

26 — A instrucção da tropa sobre o serviço em campanha estende-se no tempo de paz a toda a actividade do soldado na guerra. Os principios fundamentaes que presidem ao combate estão nos regulamentos de exercícios das armas.

27 — Os exercícios de exploração e segurança são particularmente apropriados para desenvolver o entendimento dos soldados, graduados e sargentos para a guerra.

Na cavallaria, os exercícios não se deverão limitar aos serviços da cavallaria divisionaria, devem abranger tambem os da cavallaria independente.

28 — Têm especial valôr os exercícios de unidades com effectivos de guerra. Quanto maior fôr a diferença entre este e o do tempo de paz, mais importante se torna para os chefes de todos os postos aprenderem a conhecer e a vencer as difficuldades inherentes ao emprego da tropa com seus effectivos maximos. Pôde-se attenuar em parte essa diferença representando ao menos as profundidades de marcha da tropa correspondentes ao effectivo completo.

29 — Devem ser effectuados exercícios de armas combinadas onde as houvêr na mesma guarnição ou em guarnições vizinhas.

30 — São indispensaveis os exercícios á noite. Especialmente as marchas nocturnas, mesmo fôra dos caminhos têm muita importancia. A tropa deve ser preparada para o combate á noite.

31 — Tambem devem ser realisados tiros de combate em terreno adequado, fôra dos stands e campos de instrucção. Os exercícios de tiro de armas combinadas pôdem ter utilidade desde que o terreno permita sua organisação conforme á guerra e ao mesmo tempo dê lugar á cooperação das armas.

E' preciso achar occasões para exercícios de reuniçamento.

32 — Um importante ramo de instrucção para todas as armas é a execução dos trabalhos technicos necessarios em campanha, inclusive os que surgem na guerra de fortaleza e de posições fortificadas.

33 — A resistencia physica e a saúde do soldado dependem profundamente do bom preparo da alimentação; o soldado deve ser iniciado praticamente em saber cosinhar.

34 — Com a instrucção methodica em todos os ramos de serviço, progredindo do mais facil para o mais difficult, do ensino individual para o de conjunto, não deve ser perdido de vista o ponderoso principio de que a força principal do exercito reside em sua constante promptidão para a guerra.

Para attender ás duas ordens de exigencias é preciso não limitar a determinadas épocas do anno todos os exercícios que mais se approximam da actividade da tropa na guerra, como sejam o tiro e o serviço de campanha.

35 — E' preciso que os grandes exercícios a realisar no periodo da instrucção individual e no das pequenas unidades não prejudiquem a instrucção destes periodos, isto é, á sua meticolosidade e exactidão.

Por outro lado pôde ser necessário desprezar

essa consideração para efectuar exercícios cujo fim especial dependa de aproveitamento do terreno, pois estes terão que attender ás condições dos campos (plantação ou criação).

36 — A instrução não deve ser difficultada pela invenção de fórmulas que o regulamento e a guerra desconhecem. *Os requintes desaparecem no primeiro dia da mobilização.*

37 — A todos os exercícios da paz falta a condição preponderante na guerra: o inimigo, cuja vontade e força devem ser levadas em conta até que se quebrem uma e outra. Jamais se deve esquecer que as circunstâncias da guerra muitas vezes apresentarão phenomenos diversos dos que se podem simular nos exercícios da paz. Principalmente a guerra submette a resistência moral a uma prova incomparavelmente mais dura.

Por isso, as fadigas e privações nos exercícios da paz devem ser consideradas de grande valor como meio de educar o soldado, enrijando-lhe a força de vontade e a confiança em si mesmo.

Desde o mais jovem soldado deve-se exigir sempre o empenho espontâneo de toda a força física e intelectual. Só assim será possível pôr em relevo a plena capacidade da tropa na concordância de seus esforços. Só assim surgirão os homens que, ainda na hora do perigo, conservam a coragem e a força de decisão e arrastam os camaradas mais fracos ás mais ousadas emprezas.

38 — Assim a primeira exigência na guerra é agir decididamente. Cada qual, do supremo chefe ao último soldado, deve ter sempre presente que a negligência e a inacção dão lugar a mais graves consequências que um erro na escolha dos meios.

(Continua).

## R. E. A. C.

### Observações

Como oficial de obuzes, não posso fugir ao dever de apontar alguns senões do R. E. A. C. na parte referente á minha especialidade e, sem constrangimento, o faço, porque felizmente o nosso meio militar já vae se habituando á ponderação da critica.

O art.º 185, pag. 82, do R. E. A. C. estabelece, para a primeira pontaria, uma ordem de operações incompleta e não accorde com os exemplos de commandos dados nos art.ºs 235, 281.

De acordo com o material do nosso obuz e com a successão dos commandos, estabelecida pelo proprio R. E. A. C., as operações, para a primeira pontaria, devem ser feitas na ordem seguinte:

- 1) registrar a carga;
- 2) graduar o sitometro (quando fôr o caso);
- 3) dar a alça e tomar a contra deriva-

- ção complementar (si houver);
- 4) dar a deriva (quando fôr o caso);
- 5) conteirar a peça;
- 6) pontaria approximada em altura;
- 7) calar o nível do eixo das rodas;
- 8) pontaria exacta em direcção;
- 9) pontaria exacta em altura;
- 10) medir o angulo de sitio e referir a direcção (quando fôr o caso).

Essa é, pois, a modificação quē o art.º 185 bem pôde comportar.

O art.º 271, pag. 120, estabelece, para o fogo por peça, o seguinte commando: «Por peça da direita!»

E o art.º 281, pag. 128, como exemplo de commando, dá: «Da direita por peça!»

Este ultimo modo de dizer deve ser o adoptado pelo Regulamento.

E' de lamentar que as «Instruções para o concurso de apontadores» não tenham estabelecido provas com o emprego do dispositivo de mira de urgencia.

A utilidade desse apparelho reclama a criação de mais uma prova para cada um dos dois primeiros concursos.

O 1.º concurso poderá accrescentar:

9.ª prova — Pontaria directa com o dispositivo de mira de urgencia e referencia.

Os apontadores aqui procederão como na 8.ª prova.

Exemplo de commando:

«Em frente extremidade superior da torre! Angulo de tiro tanto! Apontar!»

O 2.º concurso poderá tambem accrescentar:

9.ª prova — Pontaria indirecta com o dispositivo de mira de urgencia.

O p. p. será tomado em qualquer direcção:

Exemplo de commando:

«Ponto de pontaria á retaguarda, palmeira isolada! Angulo de elevação tanto! Deriva tanto! Apontar!»

Os commandos dos concursos para o obuz, devem vir sempre precedidos da especie do projectil, excepto quando se trata da pontaria com o dispositivo de mira de urgencia.

O art.º 298, pag. 151, torna-se confuso, quando no fim do seu primeiro periodo diz:

«..... segurando tambem a redea de mão na mão esquerda».

Pôde-se interpretar que o conductor, na posição de preparar para montar, ou se gura a redea de mão, ao mesmo tempo,

com a mão direita e com a mão esquerda ou sómente com a mão esquerda.

O art.º 298 pede uma nova fórmula, que não cause essa dupla interpretação.

No art.º 17 — Gestos de comando — o «A cavalo», pela letra do Regulamento, vae confundir-se com o «Marche», quando

parece não ser essa a intenção do R. E. A. C.

O gesto «A cavalo», sancionado pela prática e adoptado, talvez, pela intenção e não pela letra do Regulamento deverá ser:

«Da posição attenção baixar completamente o braço e levantá-lo de novo vivamente.»

1º Tenente *Mascarenhas de Moraes*.

## RECONHECIMENTOS

### F — Reconhecimento de estradas

#### 2º Escolha de caminhos — caminhos de columnas (Continuação)

Merce especial referencia a escolha de caminhos para columnas, que costuma tornar-se necessaria para a marcha em diversas columnas, com a maxima utilização das estradas existentes.

Columnas de marcha isoladas, para irem de um ponto a outro servem-se do percurso mais curto, segundo a rede de caminhos existentes. Então só em raros casos será necessário designar especialmente um caminho para a columna, p. ex., quando por falta de cartas satisfactorias ou de outras informações sufficientes houver dúvida sobre a direcção a seguir.

Desde que, porém, diversas columnas ao mesmo tempo busquem o mesmo objectivo, é preciso designar o caminho para cada uma. Isso reclama sempre mui cuidadoso aproveitamento dos caminhos existentes, muitas vezes até a procura de novos caminhos habitualmente não utilizados, ou até linhas inexistentes através do terreno situado fóra dos caminhos. Em quanto houver caminho permanente utilisavel não se emprega esse ultimo recurso. A procura de taes caminhos de columnas apparece pois principalmente na approximação de grandes massas e em seu desenvolvimento para o combate. Em tal situação todas as linhas de marcha serão poucas; com a sua multiplicação, desde que sejam convenientemente afastadas entre si, cresce a rapidez do desenvolvimento. Às vezes tambem se obedece á necessidade de subtrahir uma columna ás vistas ou aos fogos inimigos, marchando fóra de caminhos.

Na marcha de muitas columnas collateraes nem sempre será possivel deixar cada uma sempre na estrada que a principio lhe foi atribuida; haverá necessidade de passar de uma estrada para outra, mesmo ás vezes uma pequena marcha fóra de estradas afim de obter ou conservar o maior numero possivel de caminhos paralelos.

O seguinte desenho explicará melhor esse facto.

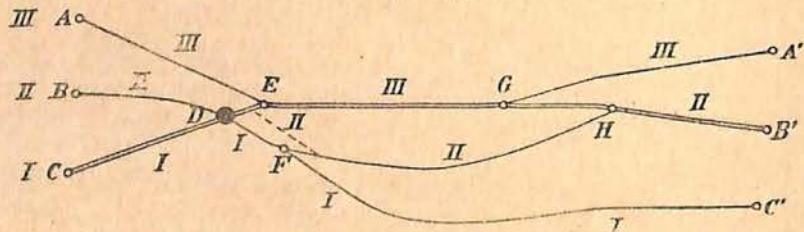
Tres corpos de exercitos têm que passar de A, B, C, para A', B', C', em tres columnas proximamente com as testas á mesma altura.

Si então ao corpo I se attribuisse a estrada real C D E G H B', tornar-se-ia inevitável um cruzamento de marcha com os corpos II e III.

O corpo III é que partindo de A, deve marchar por E e G para alcançar A'. O corpo I partindo de C tem que seguir por D e F, para C'. O corpo II terá que marchar de B por D e H para B', sendo para isso imprescindivel escolher um caminho de columna (linha interrompida no desenho) ligando o trecho de estrada D E ao caminho F H. E ainda isso com a suposição de que a localidade D possa ser atravessada, sem cruzamento, pelas duas columnas I e II respectivamente nas direcções C F e B E. A não ser assim um desses corpos teria que contornar D escolhendo um caminho de columna. Os caminhos de columnas que seguirem caminhos permanentes devem ser especialmente demarcados. Si se dispõem de tempo ou si o caminho de columna deve ser utilizado por muito tempo (p. ex. no sitio ou investimento de uma praça forte) elle é marcado por meio de varas com bonecas de palha no extremo, e em suas boccas por meio de taboletas indicadoras. Não havendo tempo para isso o official de estado-maior assinala um caminho assim determinado, por meio de estafetas, que devem acompanhal-o na execução do reconhecimento. Taes homens apeam então e são instruidos verbalmente ou por escrito a respeito de sua função.

Se o caminho destina-se a servir ás tropas à noite os estafetas ficarão mais proximos uns dos outros e, si tiver cabimento, munidos de lanternas ou archotes. Tambem é preciso providenciar sobre alguns guias que se tenham familiarizado com o caminho de dia.

Para a escolha de caminhos de columnas que se destinem ao imediato desenvolvimento das tropas para combate os ajudantes ou officiaes de ordens acompanham o official de estado-maior para a frente, informam-se sobre as direcções atribuidas a suas unidades e em seguida servem-lhes de guias. Assim não se torna necessario assinalar especialmente os caminhos de columnas.



Os trens só em caso extremo marcharão fóra dos caminhos. Em chão desfavorável elles gastariam mais tempo na marcha do que se fizéssem um grande alto para depois marchar atraç de outros trens por uma bôa estrada ou se acompanhassem os de outra unidade. Naturalmente essa providencia depende de ordem superior.

#### G — Reconhecimento de povoações

Os lugares povoados podem ter importancia como pontos de apoio no combate ou para estacionamento de material militar.

A maioria das povoações ficam situadas em pontos baixos, sobretudo as grandes, perto de cursos d'água, pois a necessidade desse elemento influe na escolha do local. Por isso muitas vezes tais povoações cobrem as pontes que passam por tais rios. Em geral são dominadas pelas alturas vizinhas e alem disso com a força de penetração dos projectis de hoje não oferecem mais abrigo seguro, contudo conservam algum valor de defesa imediata. Esta depende de:

1) a orla, conforme constitúa um importante embaraço ao movimento, indicando pois ao ataque pontos determinados, as entradas, ou também desenfiando o defensor ás vistas e ao fogo;

2) o arredor, conforme apresente um campo de tiro livre ou proporcione cobertura ao atacante;

3) a possibilidade de uma tenaz defesa no interior, determinada pela apresentação de sectores, pontos centraes fortes, o grão do risco de incendio, praças ou largos para reservas, e bôa viação interna;

4) a possibilidade de colocar fortes reservas para o contraataque, cobertas, ao lado ou atraç da povoação, e facilidade para seu movimento.

Ha que considerar especialmente o emprego da artilharia, tanto na defesa como pelo inimigo; a força necessaria para a ocupação da localidade mesma, bem como a maneira de ocupá-la e de conduzir a defesa quando a força disponível não corresponde á grandeza e natureza da povoação; finalmente a fortificação passageira do lugar e na vizinhança.

Tratando-se apenas de estacionamento, ha que considerar o numero de casas, sua construções e capacidade, os paióes de generos e as estrebarias.

Para esse fim as grandes localidades devem ser subdivididas, para melhor exame. Identico processo se emprega para a requisição de generos, etc.

Mas ao passo que a capacidade de quartel de um lugar se conserva inalterada por longo tempo, a menos que haja destruição de grande alcance, a sua capacidade quanto a fornecimento de generos e material é variável, muito reduzido sobretudo após requisições recentes. Em lugar de reconhecimento pelo oficial de estado maior deve então efectuar-se o exame meticulo feito pela propria tropa, segundo instruções da administração, ou por esta mesmo.

#### H — Reconhecimento de mattas

As mattas têm grande importancia por occultarem as marchas á observação inimiga. Contudo com o tempo muito seco elles deixam reconhecer tropas em marcha pela poeira, a qual ás vezes até permite tirar conclusões quanto á profundidade da columna e especie de tropa.

Quanto a um combate pôde dizer-se que uma grande matta, com bons e numerosos caminhos, atraç de uma posição é vantajosa porque favorece eventualmente a retirada, a perseguição quebrando-se na orla, sobretudo por cessar o efeito do fogo do fuzil.

Ao contrario, a matta situada perto da posição, na frente ou no flanco, dificulta a descoberta da approximação inimiga e favorece o apparecimento de surpresa de forças inimigas, pelo menos o seu desenvolvimento mais ou menos occulto.

Pequenas mattas ás vezes são aproveitaveis como pontos de apoio para o combate.

Procura-se evitar o combate em grandes mattas pois com a deficiente visibilidade cessa inteiramente a direcção e mesmo em condições favoraveis as unidades correm risco de se dissolver, perder a cohesão. Demais as tropas que guarnecem uma orla de matto soffrem muito com o fogo da artilharia.

No reconhecimento de mattas importam pois:

- 1) sua situação e extensão,
- 2) especie e forma de sua orla,
- 3) caminhos e picadas em seu interior,
- 4) densidade do arvoredo, assinalando pontos particularmente densos ou ralos,
- 5) natureza do chão e da vegetação inferior, quanto á praticabilidade fóra dos caminhos,
- 6) obstaculos especiaes de movimento, como aguas, varzeas molhadas, etc,
- 7) povoações no interior da matta e lugares limpos em seu aredor.

Quanto á difícil orientação no interior da matta lembre-se o uso prussiano de as quadrangular por meio de picadas ou ruas rectilineas. São as picadas principaes, em geral de nascente a poente, e assinaladas pelas letras latinas maiusculas, succedendo-se por ordem alphabetic a de Sul a Norte; e picadas secundarias, em geral perpendiculares áquellas e designadas pelas letras minusculas por ordem alphabetic a de leste a oeste. Sua interdistancia é em geral de 800 m.

Naturalmente a forma dos quadros exteriores é irregular, depende da forma da orla. Os quadros tambem são numerados segundo principio idêntico; quadro n.º 1 é o de S.E., limitado ao N. pe'a picada principal A, a Oeste pela picada secundaria a. Nos cruzamentos das picadas existem estacas de madeira ou marcos de pedra com a designação das picadas e dos quadros fronteiros. Assim pôde-se retomar a orientação perdida, o que ainda se torna mais facil quando a carta figura as picadas com sua designação.

O reconhecimento dos caminhos que atravessam a matta é tanto mais importante, e tanto mais difícil, quanto menos praticavel fôr a matta.

#### I — Reconhecimento de baixadas

As baixadas muito extensas constituem obstaculo ao movimento de grandes massas. Em geral limitando muito as vistas pela sua cultura elles só servirão na guerra como região a atravessar. O relatorio de reconhecimento deve tratar de:

- 1) sua situação e extensão,
- 2) sua natureza particular (cultura, extracções de turfa, fossos, etc.),
- 3) seus caminhos e desfiladeiros,

- 4) praticabilidade fóra dos caminhos, para as diversas armas e conforme a estação do ano; em geral as baixadas no verão são totalmente transitáveis, não assim no inverno por alagarem;
- 5) posições que resultam das condições 4 e 5 e possibilidade de atacá-las.

#### K — Reconhecimento de montanhas

E' um serviço especialmente difícil, sobretudo em montanhas ou trechos cobertos de matta, porque não há vistas. Não se pôde prescindir das boas cartas. Especial atenção aos pontos que favoreçam o desenvolvimento de tropas para o combate; mas em toda a parte há que considerar a possibilidade do movimento, do estacionamento e da alimentação das tropas. O relatório deve tratar, em geral, dos seguintes pontos:

- 1) situação, extensão e forma bem como condições de altura; considerar as serras principais e os seus ramos, as altiplanícies, os vales principais e secundários, attendendo aos declives;
- 2) condições climáticas, sua influência sobre a praticabilidade;
- 3) a crosta; primeiramente se é rochosa, argilosa ou de pedregulho, depois os pontos pantanosos ou de rocha, as culturas (matta, agricultura, ou pastagem), povoação e recursos que apresentam;
- 4) águas;
- 5) praticabilidade; figuração dos caminhos e dos trechos que permitem o movimento em ordem da tropa fóra de estrada (em geral só nos vales ou nas cumiadas); saída da montanha;
- 6) condições militares especiais em vista da missão (posições de combate, de bivac, de barragem, etc.).

Quanto ao reconhecimento exclusivo de uma estrada de montanha ver

(Continua)

#### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

*A 43, n.os 4 e 5, S. Paulo.*

*Boletín de Ingenieros*, Mexico, Departamento de Ing. da Secretaria de Guerra y Marina, Novembro 1917.

*Rudimentos de geographia, historia patria militar*, fascículo 1, pelo 1.º tenente F. de Paula Cidade, de uma série a publicar por elle e major Enéas P. Pires.

*Revista de Engenharia do Mackenzie College*, Abril de 1918. — Operações de reconhecimento e correções das observações barométricas.

*Revista dos Militares* — Abril.

*Os Voluntários de Manobras de 1917*, 1.ª Região Militar, discurso do orador oficial da cerimónia, deputado estadoal, Dr. L. Barreiros, membro da Liga Regional da D. N.

*Tiro de Guerra* — Maio.

*A Estância* — Abril.

*Revista Militar do Brazil* — Abril.

*Boletim do Directorio Central da Liga da Defesa Nacional* — Maio.

**Considerações sobre o artigo 344 e outros do Regulamento de Exercícios para a Infantaria.** Conferência realizada no C. Militar pelo capitão Antonio de Azevedo, professor de fortificação passageira da E. Militar.

#### Revista de Artilharia

Com um brilhante corpo de colaboradores apareceu a 15 do mês passado *A Revista de Artilharia*, de publicação mensal e mantida por um grupo de oficiais de nosso Exército.

Dada a extensão dos assumtos que abrange esta arma e a grande necessidade que todos temos de seus conhecimentos, circunstância estas que nós outros nunca deixamos de ter em conta, a Revista que ora nasceu para talz poderá prestar bons serviços à arma e à nossas instituições militares.

Auguramos-lhe uma prospéra e proveitosa existência.

#### EXPEDIENTE

##### Projecto de Regulamento para o serviço em campanha

Ha muito se resente o Exército da crise faltade um regulamento para os serviços em campanha. O projecto surgido em 1905, por ocasião das manobras desse anno, indicando embora o primeiro passo dado então entre nós para a regulamentação de tão importante serviço, não satisfaz as necessidades presentes, é uma imperfeita que não se harmoniza com a organização actual do Exército.

Da necessidade urgente de sua substituição estão todos convencidos, inclusive o Estado Maior, onde ha muito se trabalha a preparação do R. S. C. brasileiro; mas o desejo de dotar o Exército com um regulamento condizente à organização definitiva das nossas forças de terra, só agora ultimada, e o esforço de aproveitar os ensinamentos da grande guerra actual, têm certamente demorado aquella publicação.

Procurando colaborar com o organismo central da nossa preparação militar, um grupo de camaradas do Exército começa a publicar no presente numero desta *Revista* um projecto de *Regulamento para o Serviço em Campanha*, como subsídio para a regulamentação definitiva, concordando com o que já temos de regulamentar, capaz portanto de prestar serviço desde já aos estudiosos.

Para este numero tivemos que elevar a tiragem a 1.400 exemplares. E mais da metade dos oficiais combatentes não são nossos assinantes. Quanta coisa útil poderíamos empreender se o fossem. *Sua culpa!*

Para facilitar aos nossos camaradas a aquisição do "Guia para o Ensino da Táctica", resolvemos vendê-lo a 4\$000, pelo correio 4\$50 aos que não são nossos assinantes; e a 3\$50 pelo correio 4\$000, aos que o são ou tomarem assinatura de um semestre.

# Bibliotheca da "A Defeza Nacional"

1)	Collecções da revista (excepto annos I e II) encadernadas . . .	16\$000
	Collecções da revista (excepto anno I e II) avulsos . . . . .	12\$000
	Existem exemplares de alguns numeros dos annos I e II.	
	Número avulso . . . . .	1\$000
2)	Cartas para o ensino da tactica, Griepenkerl, traducção do 1º t.º J. Maciel da Costa, encadernado . . . . .	13\$000
	O mesmo, em avulsos . . . . .	8\$000
	Só os 5 mappas . . . . .	3\$000
	Só os 4 da escala 1:25.000, papel inferior, para se trabalhar a lapis e borracha. . . . .	1\$000
	As duas collecções de mappas (5 + 4) . . . . .	3\$500
3)	Guia para o ensino da tactica, traducção dos tenentes B. Klinger e Leitão de Carvalho, prefacio do general Faria . . . .	3\$500
	Para não assignantes d'«A Defeza Nacional» . . . . .	4\$000
4)	Guia para o ensino da pontaria, von Byern, traducção dos tenentes Souza Reis e Maciel da Costa . . . . .	1\$000
5)	Quadros muraes de noções de tiro, major Vidal, cap. Klinger, 1.º t.º Maciel da Costa . . . . .	5\$000
	Cinco folhas de 48 x 66 cm.	
6)	Curso de tiro, Rohne, traducção dos tenentes Leitão de Carvalho e Maciel da Costa (em andamento, metade publicado) . . .	5\$000

Recommendamos tambem e acceptamos encommendas:

A	Pontaria Indirecta do nosso 75, pelo 1.º t.º Klinger (ed. da Bibl. do 4.º R. A.) . . . . .	1\$200
O	Combatte, traducção do 1.º t.º Klinger . . . . .	2\$500
	Manual de Lehnert, pelos major Enéas P. Pires, cap. Klinger e 1.º t.º Cidade, ed. da «Revista dos Militares» . . . . .	9\$000

Pedidos pelo Correio accrescentar o porte.

Só podemos attender ás encommendas de pagamento adiantado.

Rio de Janeiro, Caixa 1602

# Representantes da "A Defeza Nacional"

«O grupo mantenedor da *A Defeza Nacional* reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus colaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste orgão, synthetisada em seu titulo.» (Art. 1 da Circular n. 6, de 24-5-915.)

## No Rio de Janeiro

*M. G.* — 1.º Ten. E. Leitão de Carvalho.  
*E. M. do Ex.* — Cap. Arnaldo D. Vieira.  
*D. G.* —  
*D. A.* — Coronel Príncipe.  
*3.º D.* — 2.º Ten. Columbano Pereira.  
*2.º D.* — Cap. J. A. Coelho Ramalho.  
*Br. Pol.* — Cap. M. Castro Ayres.  
*1.º R. I.* — 2.º Ten. Maciel da Costa.  
*2.º R. I.* — 1.º Ten. Octaviano Gonçalves.  
*3.º R. I.* — Cap. Dr. Alves Cerqueira.  
*52.º Caç.* — 1.º Ten. Mario A. do Nascimento.  
*55.º Caç.* — 2.º Ten. Telmo A. Borba.  
*56.º Caç.* — 1.º Ten. Roberto D. Santiago.  
*1.º Cia. Metr.* — Cap. A. Alencastro.  
*5.º Cia. Metr.* — Ten. O. Verney Campello  
*1.º R. Cav.* — 1.º Ten. Raymundo Sampaio.  
*13.º R. Cav.* — 2.º Ten. Simas Enéas.  
*3.º C. Trem* — Tenente Manoel A. C. Batalha.

*1.º R. A.* — 1.º Ten. Manoel de B. Lins.  
*20.º G. Art.* — Major Pompeu Loureiro.  
*Fort. S. Cruz* — 2.º Ten. Octavio Cardoso.  
*Fort. S. João* — 1.º Ten. J. F. Monteiro Lima.  
*3.º G. Ob.* — 1.º Ten. J. B. Mascarenhas de Moraes.  
*Copacabana* — 1.º Ten. Raul M. Vasconcellos.  
*1.º Bat. Eng.* — Cap. Xavier Moreira.  
*Col. Militar.* — Ten. Maximiliano Fonseca. (Suspensão)  
*E. M.* — Realengo. 2.º Ten. J. Faustino da Silva Filho. Aluno J. Bina Machado.  
*Fabr. Realengo.* — Cap. Freire de Vasconcellos.  
*D. M. Bellico* — Cap. Luiz M. de Andrade.  
*Arsenal* — Ten. A. Nunes de Souza F.º  
*Direct. de Eng.* — Cap. José Ribeiro Gomes.  
*Encouraçado S. Paulo.* — Ten. Cesar F. Xavier.  
*Curso Aperf. Inf.º* — 1.º Ten. Newton Cavalcanti.  
*6º R. A.* — 1º Ten. E. Seroa da Motta.

## Fóra do Rio de Janeiro

*41.º Caç.* — 1.º Ten. Paulo de Araujo Bastos.  
*43.º Caç.* — 2.º Ten. Mario Travassos.  
*47.º Caç.* — Belem, 2.º Ten. J. de Oliveira Pimentel  
*50.º Caç.* — Bahia, 1.º Ten. Leal de Menezes.  
*51.º Caç.* — S. João del Rey, Ten. Paulo Figueiredo.  
*53.º Caç.* — Lorena, Ten. Orlando Pimentel.  
*57.º Caç.* — Juiz de Fóra, Ten. J. Americo de Gouveia.  
*59.º Caç.* — B. Horizonte, Ten. Tristão Araripe.  
*6.º R. I.* — Caçapava, Ten. Amílcar Salgado.  
*7.º R. I.* — Santa Maria, Ten. Olympio dos Santos Rosa.  
*8.º R. I.* — Ten. Holdernes de Freitas Ramos.  
*9.º R. I.* — Rio Grande. Cap. Oswaldo Stemberg.  
*10.º R. I.* — 2.º Ten. Alcebiades A. de Almeida.  
*13.º R. I.* — Corumbá. Ten.-Cor. J. Heleodoro de Miranda.  
*3.º R. C.* — Ten. Adalberto Diniz.  
*8º R. C.* — Uruguayan, Major Pará da Silveira.  
*11.º R. Cav.* — Bagé, 2.º Ten. Sylvio Cantão.  
*12.º R. Cav.* — 1º Ten. J. T. Pereira de Mello.  
*14.º R. Cav.* — Campanha, Ten. Lincoln Marinho.  
*15.º R. Cav.* — 2.º Ten. Raul Vieira da Cunha.  
*5.º R. A.* — Campo Grande. 1.º Ten. Eloy de S. Medeiros.  
*7.º R. A.* — Itú. 1.º Ten. Silvino da S. Campos.

*4.º G. Ob.* — Jundiahy. Cap. Lima e Silva.  
*5.º G. Ob.* — Margem Taquary, 1º Ten. ~~Agemiro~~ Dornelles.  
*16.º Grupo.* — Ten. Dr. Alexandre Meyer.  
*18.º Grupo.* — Bagé, 1.º Ten. Salvador Obino.  
*Guarnição de Alegrete.* — Cap. Christovão C. M. Mattos.  
*S. Gabriel.* — 1.º Ten. Glycerio Gerpe.  
*Em Quarahim.* — Cap. Antonio da Silva Menezes.  
*Florianópolis* — Cap. Eugenio Tauilos.  
*Itajahy* — Ten. Falconieri da Cunha.  
*S. J. del Rey.* — Capitão João Luiz Cirne.  
*Coll. Barbacena.* — 1.º Ten. José Martins de Arruda.  
*Coll. P. Alegre.* — Cap. Antonio de C. Lima.  
*Com. da Carta.* — Ten. Irineu Trajano.  
*Escola Naval* — Cap. Ten. Mario da Gama e Silva.  
*II. Reg.* — 1.º Ten. Julio S. Couceiro.  
*Coritiba* — 1.º Ten. França Gomes.  
*VII Reg.* —  
*Fabr. Piquete* — 1º Ten. Espindola do Nascimento.  
*Fabr. Estrella.* — 1.º Ten. Heitor P. de C. Albuquerque.  
*Arsenal de P. Alegre* — 1.º Ten. Graciliano P. da Fontoura.  
*Br. Pol. do Rio Grande* — 1º Ten. Travassos Alv.

**O**PAGAMENTO das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado o mais tardar no seu segundo mez. Os recibos são expedidos depois do pagamento effectuado. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou á Papelaria Macedo, Rua da Quitanda, 74. Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.